

“Nosso planeta
ainda está na sala
de emergência”

ANTÓNIO GUTERRES,
SECRETÁRIO-GERAL DA ONU

Jornalistas de oito países e especialistas internacionais analisam o impacto da cúpula do clima da ONU e como ela pode influenciar o combate aos efeitos das mudanças climáticas

Os resultados foram fracos, mas a pauta do clima sai mais forte



LUCIANA GURGEL
EDITORA-CHEFE
MEDIATALKS, LONDRES

A frase da capa desta edição especial, do Secretário-Geral da ONU, António Guterres, resume o sentimento depois que as luzes se apagaram em Sharm El-Sheikh, no Egito, sede da 27ª Conferência da Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas.

Faltando dois dias para o fim da cúpula esvaziada, sem vários líderes globais e sem Greta Thunberg, o boletim da coalizão de jornalismo ambiental Covering Climate Now já previa o fracasso das negociações, mas avisou: não importa o resultado, a pauta do clima sai ainda mais importante.

Embora decepcionando nos resultados, a cúpula vai aprofundar tendências como a do consumo sustentável, a atenção do jornalismo às mudanças climáticas e a necessidade imperativa de marcas, corporações e governos se adaptarem ao que a ciência garante ser o único caminho para a sobrevivência do planeta.

O Brasil foi um dos destaques da COP27. A sinalização de revisões na política ambiental brasileira foi recebida com simpatia pelo mundo.

Entretanto, o jogo de recuperação de imagem e retomada de diálogos está apenas começando, como alerta o coordenador de comunicação do Observatório do Clima, Claudio Angelo.

Haverá escrutínio da sociedade e da mídia sobre as ações. E o mundo científico só acredita vendo os fatos, observa o professor e pesquisador brasileiro Vinícius de Carvalho, do King's College.

O raciocínio vale para empresas, governos e também para a imprensa, vital para informar, pressionar e mobilizar. Não vai dar para deixar essa pauta de lado.

Em outra interessante entrevista, o diretor do Knight Center para o Jornalismo nas Américas, Rosental Calmon Alves, ressalta que as mudanças climáticas podem trazer oportunidades de negócio e de fortalecimento institucional para a indústria jornalística. Quem sabe um bom efeito colateral?

Nas próximas páginas fazemos um balanço da conferência, reunindo perspectivas de especialistas internacionais e de jornalistas brasileiros em oito países.

Em alguns deles a cobertura da mídia foi impactada por assuntos domésticos e pela conferência do G20. Mas em todos, a mudança climática está na agenda dos governos, das empresas e da imprensa, tendência que a COP27 ajudou a acelerar.

Boa leitura,
Luciana Gurgel e Eduardo Ribeiro



EDUARDO RIBEIRO
PUBLISHER
JORNALISTAS&CIA,
SÃO PAULO

NESTA EDIÇÃO

4 "Glasgow Minus": avanços e retrocessos da COP27

5 António Guterres contra o greenwashing



9 Enquanto Greta não foi, a indiana Licypriya estava lá

26 Kantar: Marcas devem prestar atenção aos rumos ditados pela cúpula

PELO MUNDO

▶ SUÉCIA CLAUDIA WALLIN	6
▶ ARGENTINA MÁRCIA CARMO	10
▶ ITÁLIA FERNANDA MASSAROTTO	14
▶ REINO UNIDO LUCIANA GURGEL	17
▶ FRANÇA DEBORAH BERLINCK	18
▶ ESPANHA ALESSANDRO SOLER	22
▶ AUSTRÁLIA LIZ LACERDA	24
▶ JAPÃO FLORIANO FILHO	28

entrevistas

3 CLAUDIO ANGELO
OBSERVATÓRIO DO CLIMA



5 VINÍCIUS DE CARVALHO
KING'S COLLEGE LONDON



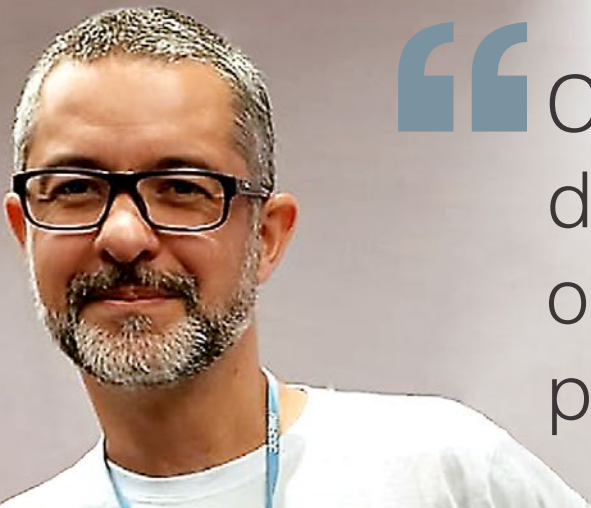
12 ROSENTEAL CALMON ALVES
KNIGHT CENTER PARA O JORNALISMO NAS AMÉRICAS

21 SANAE OKAMOTO E NIDHI NAGABHATLI
UNIVERSIDADE DAS NAÇÕES UNIDAS

23 MIGUEL ÁNGEL MEDINA
El País

30 BEN BROCHÉ
GLOBAL INNOVATION LAB FOR CLIMATE FINANCE





“ COP27 termina com sabor de ‘maldição do faraó’ para o mundo - e o Brasil faz parte desse mundo ”

Por LUCIANA GURGEL, MediaTalks

Para o Observatório do Clima, rede de 70 entidades ambientais, a COP27 terminou com uma vitória e três derrotas que deixaram um gosto de ‘maldição do faraó’.

A vitória foi o fundo para financiar perdas e danos climáticos nos países vulneráveis. Mas “as divisões de sempre entre países ricos e pobres” impediram o acordo sobre o corte de emissões, impondo a primeira derrota.

A segunda abateu o Programa de Trabalho em Mitigação, criado em Glasgow, que acabou “tesourado” até pelo Brasil. O texto aprovado em Sharm El-Sheikh diz que ele será “não-prescritivo e não-punitivo”, além de não impor novas metas.

A terceira derrota foi a falta de definição sobre os US\$ 100 bilhões anuais prometidos pelos países desenvolvidos, permanecendo a indefinição sobre quando, como e até se serão pagos.

Claudio Angelo, coordenador de comunicação do Observatório, avaliou a conferência e a participação do Brasil, saudada na mídia internacional como ‘uma volta do país’.

LULA REPETIU BIDEN

“O interesse que a mídia demonstrou pelo Brasil na cúpula do Egito lembrou o que aconteceu com os Estados Unidos em Glasgow. Ano passado, todo mundo só queria saber deles na primeira conferência após a posse de Joe Biden. John Kerry era o personagem mais procurado.

Foi parecido com o Lula este ano, com a diferença de que ele ainda não é o chefe de estado, criando uma situação inédita. O governo atual foi ofuscado.”

BRAZIL CLIMATE ACTION HUB

“Mais uma vez o espaço da sociedade civil, criado em 2019, despertou mais interesse do que o stand oficial do Brasil, sobretudo de jornalistas internacionais.

Fomos obrigados a sacrificar alguns eventos, porque não couberam na agenda.

A tendência de eventos nacionais se firmou na COP, como ‘bolhas’. Vários países realizaram atividades em seus próprios idiomas, voltadas para os seus públicos.”

A EVOLUÇÃO DO BRASIL NAS COPS

“Com o controle de desmatamento e democratização do acesso, o Brasil passou a ter delegações grandes, com intensa participação da sociedade civil.

Em Copenhague, o então presidente Lula colocou na mesa uma meta, enquanto outros se recusavam a adotá-las. E o agronegócio estava interessado na conversa sobre clima, o que acabou unindo ambientalistas e setor empresarial.

A partir de Madri, quando o stand da sociedade civil estreou, os movimentos indígena e negro entraram muito fortemente também. Das dez últimas cúpulas, esta foi a que teve mais representatividade da nossa sociedade.”

EXPECTATIVAS E ENTREGA

“As participações do presidente eleito e de nomes importantes na arena ambiental, bem como de integrantes da equipe de transição, atraíram atenção para o país e criaram uma disposição favorável.

Mas imprensa não vive de expectativas. Se o Lula pisar na bola, vai apanhar.

Espero que no Brasil a imprensa esteja a postos para cobrar - e o próprio Lula pediu isso.”

IMPRENSA EUROPEIA E AMERICANA

“O Brasil não deve repetir o que ocorreu nos EUA no governo Obama, uma espécie de adesão acrítica e automática. Não se podia falar mal porque tê-lo era um luxo.

Esse comportamento existe na cobertura das conferências do clima, sobretudo por parte das imprensas europeia e norte-americana, que fazem vista grossa para barbaridades ambientais de seus países.”

A IMPRENSA BRASILEIRA E O CLIMA

“A cobertura ambiental no Brasil cresceu nos últimos quatro anos em quantidade e qualidade. A imprensa está mobilizada para cobrir o tema de forma sistemática. Mas ainda faltam os jornais brasileiros fazerem como o Guardian, criando uma espécie de ação afirmativa para colocar mudança climática na capa.

Fiquei bem impressionado com a quantidade de jornalistas jovens na cúpula, não apenas dos grandes veículos mas gente de agências independentes e ligadas a movimentos sociais. Isso nos fez ganhar também em diversidade.”

DESTRAVANDO INVESTIMENTOS

“A percepção positiva do Brasil criada durante a cúpula já se traduz em resultados, como a liberação de recursos para o Fundo Amazônia pela Alemanha e Noruega.

Pelas regras, as liberações acontecem depois de redução no desmatamento, mas dessa vez eles liberaram antes, um voto de confiança ao país.”

GREENWASHING

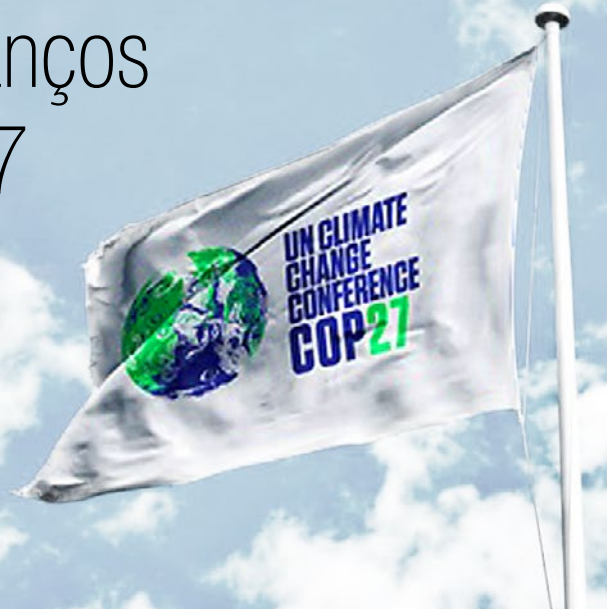
“Infelizmente acho que a COP27 não contribuiu muito para mudar o cenário da lavagem verde. Um sinal é o fraco progresso em relação aos combustíveis fósseis, sugerindo que o crime climático compensa em alguns setores.”

'Glasgow Minus': os avanços e retrocessos da COP27

por ALDO DE LUCA, MEDIA TALKS

No encerramento da COP27, o Secretário-Geral da ONU, António Guterres, reconheceu que a cúpula, focada na justiça e na ambição climáticas, pouco avançou nos dois temas. As esperanças ficaram para a próxima, nos Emirados Árabes.

Confira, na visão da WWF e do Observatório do Clima, o que se destacou e o que ficou faltando no documento firmado pelos representantes de 198 países ao fim de uma das mais longas conferências climáticas - e que acabou apelidado de "Glasgow Minus", na comparação com o texto final da COP26.



FUNDO DE PERDAS E DANOS



Depois de muita pressão, aprovou-se no apagar das luzes um fundo para assistência "aos países mais vulneráveis", mas a discussão sobre sua operacionalização durará até a COP28, a cargo de um comitê. A decisão fala em "uma variedade de fontes", o que não exclui dividir a conta com alguns dos países em desenvolvimento.

REDUÇÃO DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS



No discurso de encerramento, Guterres disse que a COP27 falhou na questão prioritária da redução de emissões. Apesar de o texto final fazer referência, pela primeira vez, a energias renováveis de "baixa emissão", pressões de potências petrolíferas como Arábia Saudita e Rússia fizeram com que a menção de Glasgow a uma redução gradativa dos combustíveis fósseis fosse eliminada do texto do Egito.

INCLUSÃO DE FLORESTAS E DE SISTEMAS ALIMENTARES



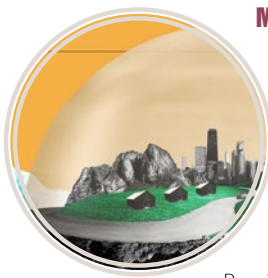
Foi a primeira vez que as soluções baseadas na natureza apareceram num documento final de COP, assim como a citação aos sistemas alimentares e à interconexão entre a produção de alimentos, biodiversidade, água e clima. A WWF avalia que essas inclusões ajudarão na ponte entre as COPs climáticas e as de biodiversidade, no momento em que a próxima cúpula de biodiversidade deve firmar seu primeiro acordo global em dezembro, no Canadá.

PROGRAMA DE TRABALHO EM MITIGAÇÃO



Alguns países esperavam avanços do programa, criado para acelerar o corte de emissões. Queriam o estabelecimento de revisões anuais ou bianuais nas metas de cada país. Só que o G77, bloco que inclui o Brasil, argumentou que o Acordo de Paris estabelece revisões quinquenais. Sem avanços, o texto final diz que o Programa será "não-prescritivo e não-punitivo", além de não impor novas metas.

META DE 1,5°C DO ACORDO DE PARIS



Não houve avanço no principal tópico, e metade do tempo já se passou entre a COP15 de Paris e o prazo de 2030 para inverter a curva das emissões dos gases de efeito estufa, condição necessária para garantir a meta, segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima.

Para isso, o pico das emissões globais precisa acontecer até 2025 para que a partir daí caiam pelo menos 43% até 2030. Mas o mundo segue na contramão: as emissões de CO2 vão bater recorde em 2022, e os oito anos de 2015 a 2022 provavelmente serão os mais quentes já registrados, conforme relatórios divulgados na COP27 pelo Global Carbon Project e pela Organização Meteorológica Mundial.

FINANCIAMENTO CLIMÁTICO DE US\$ 100 BILHÕES POR ANO



Os US\$ 100 bilhões anuais prometidos pelos países ricos a partir de 2020 para apoiar ações de mitigação e adaptação climática continuam só na promessa, e os valores até agora liberados estão aquém do prometido.

O texto final faz apenas um convite aos bancos multilaterais de desenvolvimento e às instituições financeiras internacionais a reverem suas práticas e instrumentos de financiamento climático aos países emergentes.

“É preciso cautela nas expectativas de mudanças imediatas na percepção do Brasil”

Divulgação / King's College



ao meio ambiente e que o país tem capacidade de industrialização sem recorrer a combustíveis fósseis.”

O DILEMA DA CRISE ENERGÉTICA

“Em nossa universidade, direcionamos muitos esforços na formulação de propostas transformadoras para mitigar as mudanças climáticas.

Mas há um outro lado: a crise energética na Europa, junto com uma demanda maior de energia. E os combustíveis fósseis não correspondem àquilo que se espera em relação ao cuidado com o meio ambiente.

É um dilema existencial. Mas as soluções para sair da crise energética deverão ser cuidadosamente atreladas às questões ambientais.”

ATENÇÃO AO GREENWASHING

“Trazer o problema para discussão na COP27 foi um sinal claro de que há uma atenção maior por parte da sociedade civil, da academia e das estruturas de fiscalização.

Não chegaremos a uma nova era de consciência a partir de amanhã, mas a discussão do tema ajuda a evitar que o greenwashing continue a ser praticado de forma sistemática e ampla.”

por LUCIANA GURGEL, MediaTalks

Vice decano internacional da Faculdade de Ciências Sociais e Políticas Públicas do King's College Londres, o professor brasileiro Vinícius de Carvalho, que até setembro dirigia o Brazil's Institute da universidade, é um dos que vê com cautela as expectativas de mudanças imediatas na percepção do Brasil depois da COP27.

Em entrevista ao MediaTalks, ele citou o alto índice de desmatamento como exemplo de problema que não será corrigido de um dia para o outro, com tudo mudando a partir de 1º de janeiro.

E lembrou que o comportamento científico, especialmente em relação a questões políticas, é o de manter o escrutínio, sem entusiasmo com promessas. “Cientistas não têm crenças, eles testam fatos”.

O BRASIL NA COP27

“O discurso da academia sobre as ações para mitigar as mudanças climáticas e a forma de implementá-las não mudou. A diferença na cúpula deste ano é que o discurso político de Lula foi mais em harmonia com o pensamento acadêmico.

O fato de o presidente eleito ter ido à COP27 e o atual não estar presente foi um sinal de uma administração mais disposta a se engajar globalmente.

Há otimismo, porque as agendas propostas são mais progressistas. E o grupo de transição que participou, com a presença de lideranças indígenas e ambientais, é outro fator que contribuiu para essa percepção.”

EFEITOS SOBRE NEGÓCIOS

“Pela ótica da geopolítica, não arriscaria previsões sobre se as mudanças sinalizadas na COP27 vão influenciar o ambiente de negócios do Brasil. Isso não depende apenas da mudança de um ator político.

Fazemos parte de um desenho geopolítico global, em que a percepção sobre os países oscila. São muitos fatores interligados, em um cenário ao mesmo tempo racional e emocional, mas o que importa é a visão a longo prazo.

É importante que o Brasil transmita a imagem de que o agronegócio não é necessariamente danoso

Greenwashing na mira da ONU

Logo no início da COP27, o Secretário-Geral da ONU, António Guterres, divulgou um relatório pedindo tolerância zero com empresas e governos que praticam o greenwashing para divulgar o compromisso de zerar emissões

de carbono que não corresponde à realidade.

O relatório enfatiza que os compromissos devem priorizar cortes imediatos nas emissões absolutas antes de 2030 e que as compensações só devem ser usadas depois que uma empresa

ou governo atingir metas de curto e médio prazo.

E pede que o compromisso de zerar emissões deixe de ser uma atitude voluntária para ser obrigatória, com a divulgação da evolução a cada ano respaldada em dados verificáveis.



CERIMÔNIA DE ABERTURA DA COP27 (REPRODUÇÃO YOUTUBE ONU)



SUÉCIA, POR CLAUDIA WALLIN

Campeã do clima, Suécia sob novo governo 'achata' Ministério do Meio Ambiente dias antes da cúpula

Para espanto generalizado, na COP27 a Suécia não parecia ser o mesmo país que nas cúpulas anteriores tinha sido celebrado como campeão da defesa do clima.

O divisor de águas foi a ascensão do novo governo conservador sueco. Ao tomar posse dias antes da abertura da conferência, soltou uma primeira bomba de efeito moral: a extinção do Ministério do Meio Ambiente e do Clima como organismo independente.

Nas duas semanas de cúpula, o que se viu na Suécia foi um superaquecimento das críticas à política climática do novo governo, formado pelos partidos Moderado, Democrata-Cristão e Liberal, com o apoio do partido de extrema direita anti-imigração Democratas da Suécia.

Na mídia, ambientalistas e cientistas definiram a nova diretriz, que prevê cortes brutais no financiamento de programas ambientais, como 'golpe mortal' contra os esforços de proteção ao clima.

Para completar o cenário anormal, a ativista sueca Greta Thunberg nem apareceu na COP27.

A cobertura da conferência começou vigorosa. Mas foi notória a perda de fôlego ao longo do evento, com as manchetes ocupadas por temas como as eleições de meio de mandato nos EUA, a guerra na Ucrânia e a cúpula do G20.

Ninguém - e, pelo que se vê, nem mesmo o governo - arrisca previsões otimistas. Parecem outros tempos: em 2015, a Suécia anunciou na As-

sembleia Geral da ONU a meta de se tornar o primeiro país livre dos combustíveis fósseis.

As credenciais da nação escandinava de 10,4 milhões de habitantes se mantêm invejáveis: responsável por apenas 0.1% das emissões globais de gases de efeito estufa, a Suécia foi o primeiro país a implementar a precificação do carbono como instrumento para acelerar a transição energética, e tem um dos mais altos impostos sobre CO2.

Os suecos têm ainda uma das maiores taxas de reciclagem de lixo: 99%. É sueca a primeira siderúrgica do mundo alimentada exclusivamente por hidrogênio, inaugurada em 2020.

Os vilões do clima na Suécia são setores da indústria (como produção de aço e mineração) e de transportes, embora o país possua uma das maiores frotas de veículos a eletricidade e biocombustíveis.

Mas hoje, a menos que haja aceleração no ritmo de redução das emis-

sões, dificilmente a Suécia será capaz de cumprir sua ambiciosa meta de descarbonização até 2045.

Já na primeira semana da COP27, o jornal Svenska Dagbladet arrancou da ministra das Finanças, Elisabeth Svantesson, a confissão: vai ser difícil.

Perguntada sobre o que isso significaria, a ministra jogou a toalha: "Significa que não alcançaríamos as metas. Se não conseguirmos, então não iremos conseguir. Mas nossa ambição é atingi-las."

Diante de uma onda de protestos em reação à fala, a ministra do Meio Ambiente e do Clima (no novo governo incorporado ao de Negócios e Energia) tentou amenizar:

"Vai ser difícil atingir a meta, mas não é impossível", declarou a ministra (sem ministério) Romina Pourmokthari.

Ato contínuo, a mídia sueca proclamou: 'Governo dá mensagens discrepantes sobre metas ambientais'.

Discurso do novo premiê cancelado

O esperado discurso do novo primeiro-ministro sueco na COP27 sequer aconteceu. "Não é incomum que o programa sofra alterações em eventos deste porte", justificou a assessora de Ulf Kristersson. Em entrevista coletiva, o primeiro-ministro destacou que, para ele, a política climática começa e termina com a política energética - e que não há como dissociar os dois elementos. Kristersson disse ainda que política e indústria devem caminhar juntos, em uma responsabilidade compartilhada pela preservação do meio ambiente.



Em plena COP27, governo corta orçamento ambiental

Por CLAUDIA WALLIN, Suécia

No dia seguinte à fala do primeiro-ministro sueco a jornalistas na COP27, a retórica foi nocauteada pelo anúncio do orçamento: o governo cortou recursos para programas ambientais, além de reduzir o preço dos combustíveis e abolir o bônus para quem compra veículos elétricos.

A mídia sueca repercutiu os ataques de cientistas e ambientalistas, como o de Mikael Karlsson, professor de Ciências Ambientais da Universidade de Uppsala.

"Este orçamento é um golpe mortal contra o meio ambiente", definiu em entrevista ao jornal Dagens Nyheter.

A ministra responsável pela área ambiental rebateu, num tom conformado:

"É um orçamento restrito, e portanto verei o que fazer com os recursos", disse Romina Pourmokthari.

NEGACIONISMO NO PARLAMENTO

Para abalar ainda mais o ânimo dos ambientalistas, uma deputada do partido radical Democratas da Suécia - da base de sustentação do premier - negou no Parlamento a existência de uma crise climática.

"Creio que não há evidências científicas suficientes para afirmar que estamos em uma crise climática", disse a deputada Elsa Widding, engenheira civil formada pela Universidade Chalmers.

"A última vez em que uma crise climática aconteceu foi na década de 1960, quando os verões se tornaram tão curtos que não conseguimos produzir colheitas", acrescentou.

A ministra ambiental mais uma vez correu para tentar conter a hecatombe.

"É evidente que divergimos inteiramente nesta questão, mas Elsa Widding não é a ministra do Meio Ambiente e do Clima. A ministra sou eu", enfatizou Romina, acusada de ser inexperiente para o cargo.

SUÉCIA PERDE POSIÇÃO EM RANKING CLIMÁTICO

Na COP26 de Glasgow, o Conselho de Política Climática da Suécia (Klimatpolitiska rådet) alertou que o processo de redução das emissões caminhava de forma muito lenta.

Desde então, a Suécia acabou perdendo uma posição no ranking do Climate Change Performance Index, que avalia o desempenho ambiental das 57 maiores economias do mundo.

Deputada afirma no Parlamento que não há evidências científicas comprovando as mudanças climáticas

Nenhum país atingiu a classificação de 'muito boa' para a sua performance este ano. Mais uma vez, os três primeiros lugares do ranking permaneceram vazios.

A Suécia, que há quatro anos consecutivos liderava o ranking na quarta posição, passou a figurar em quinto lugar. A liderança foi para a Dinamarca. Com a Noruega na sexta posição, o trio de países escandinavos domina a lista.

Nos últimos dias da COP27, os suecos tiveram uma boa notícia: medições recentes registraram que o ar que se respira na capital é o mais limpo dos últimos 30 anos - consequência do aumento do número de carros elétricos nos últimos anos, e da redução da quantidade de veículos a diesel em circulação.

Mas ninguém, ao que parece, está respirando aliviado.

[Leia mais sobre as mudanças na política ambiental da Suécia](#)



Knowledge grows

Cultivar um futuro alimentar positivo para a natureza ao lado do produtor.

Saiba o que temos feito em yarabrasil.com.br



**Cargill com
os produtores
rurais por uma
agricultura ainda
mais sustentável**



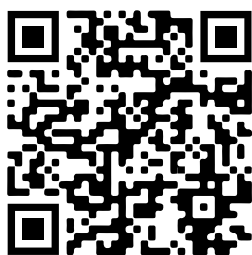
**Restauração de 100 mil
hectares em 5 anos**



Promover uma agricultura segura, responsável e sustentável é um trabalho feito a muitas mãos. Por isso, nos unimos a diversos atores sociais das áreas agrícola, ambiental, acadêmica e outros parceiros para desenvolver um conjunto de iniciativas que reafirmam o nosso compromisso com o planeta e a segurança alimentar no mundo.

Essas iniciativas visam apoiar centenas de agricultores pelo Brasil na regularização ambiental e na restauração de 100 mil hectares de áreas de proteção permanente e reservas legais nos próximos cinco anos.

Ao apoiar estes produtores na implementação do Código Florestal Brasileiro, os programas incentivam a construção de um modelo de agricultura sustentável e resiliente, que promova a alta produtividade, o uso eficiente da terra e a conservação da biodiversidade, contribuindo para a mitigação das mudanças climáticas.



**Afinal, nosso propósito
é alimentar o mundo de forma
segura, responsável e sustentável.**

Cargill[®]

Enquanto Greta não foi...

POR CLAUDIA WALLIN, Suécia

Assim como em outros países, a escolha do Egito como sede da COP27 também foi criticada na Suécia, em razão das denúncias de abuso dos direitos humanos e do histórico de repressão do regime de Abdul Fatah Al-Sisi.

Estrela do maior movimento ambientalista de estudantes da história, a ativista sueca Greta Thunberg boicotou a cúpula. E assinou, com personalidades e ativistas de 80 países, uma petição exigindo libertação “imediate e incondicional de todas as pessoas detidas simplesmente por exercer pacificamente seus direitos humanos.”

Pelo Twitter, Greta destacou sua solidariedade com os ‘prisioneiros de consciência’.

Dias antes da abertura da conferência, no lançamento em Londres de seu livro, ‘The Climate Book’, Greta criticou o fato de a COP27 ser realizada em “um paraíso turístico que viola direitos humanos”.

“Não vou à COP27 por várias razões, mas o espaço para a sociedade civil está extremamente limitado”, afirmou a ativista, em referência às restrições para manifestações durante o evento e participação de organizações locais.

Thunberg também criticou o encontro em si, ao afirmar que “as COPs são usadas principalmente como uma oportunidade para líderes e pessoas no poder chamarem a atenção, usando formas diferentes de ‘greenwashing’”.



DIVULGAÇÃO / TWITTER/@GRETATHUNBERG

A sueca disse ainda que as conferências “não são destinadas a mudar o sistema”.

“As COPs não estão funcionando, a menos que as usemos como uma oportunidade de mobilização”, alertou Greta.

Diante das rígidas medidas de segurança em torno do balneário de Sharm El-Sheikh, onde foi realizada a conferência, alguns ativistas chegaram a chamá-la de ‘fortaleza do clima’.

... a indiana Licypriya, de 11 anos, estava lá

Greta preferiu ficar distante, mas conhecidas ativistas jovens como a ugandense Vanessa Nakate e a brasileira Txai Suruí brilharam. E novas estrelas emergiram.

Uma delas foi Licypriya Kangujam, de 11 anos. Apesar da pouca idade, virou pedra no sapato de representantes de grandes potências, questionando-os sem a menor cerimônia.

O Ministro de Mudanças Climáticas do Reino Unido foi um dos alvos, ‘perseguido’ pelos corredores.

Indagado sobre quando soltaria manifestantes que haviam protestado em seu país contra novas concessões de petróleo e gás, Zac Goldsmith fugiu da pergunta – e tentou escapar da ativista, em vão.

A perseguição durou quase um minuto, enquanto a assessora de Goldsmith tentava se colocar entre os dois até o ministro entrar em uma área reservada.



TWITTER LICYPRIYA KANGUJAM



Licypriya constrangeu Zac Goldsmith, mas foi toda sorrisos com Lula

Ele não foi o único confrontado pela jovem de um metro e meio de altura. Licypriya cobrou resultados de várias autoridades, entre elas o enviado especial dos EUA, John Kerry.

Ao ministro do Clima e Meio Ambiente da Noruega, Espen Eide, que disse ‘estar escutando’ seu pedido para que as nações ricas façam mais para conter os efeitos das mudanças climáticas, retrucou:

“Não quero que você me escute, quero que você faça”.

Sobrou aperto até para o presidente eleito Lula. Mas esse foi na forma de um abraço. Ao final da cúpula, ela disse que vai continuar com suas cobranças:

“As lideranças precisam transformar suas falas em resultados.

De nada valem discursos bonitos se as promessas não se transformarem em ações concretas”.



No país que vai deixando de comer carne, até vinho Malbec está ameaçado pelas mudanças climáticas

Quase ao mesmo tempo em que era realizada a COP27, os vinhedos de Mendoza sofriam com geadas inéditas em novembro.

Os produtores calculavam perdas de até 60% na região da uva símbolo dos vinhos do país, a Malbec.

O portal Infobae informou que as geadas eram “resultado das mudanças do clima”. E não são as únicas consequências.

A seca que castiga as regiões de cultivo de grãos provocará queda de até 40% na produção de trigo neste ano, segundo a Bolsa de Comércio de Rosario.

Para amenizar os impactos adversos, o governo do presidente Alberto Fernández prometeu uma cotação especial do dólar para produtores e exportadores. A Argentina tem cerca de 15 cotações da moeda americana.

O editor do caderno ‘Campo’ do jornal La Nación, Cristian Mira, ressaltou em um artigo que a COP27 aconteceu em um momento de maior demanda mundial por alimentos, com a população do planeta ultrapassando 8 bilhões de pessoas.

Para Mira, o desafio em um contexto de mudança climática é encontrar o equilíbrio entre produzir mais alimentos e a necessidade de reduzir o efeito estufa.

Ele lembrou que os países do Cone Sul chegaram com um discurso sintonizado ao encontro das Nações

Unidas, no qual a “agricultura sustentável” ganhou maior destaque do que nas conferências anteriores.

“No Egito, representantes do Brasil, da Argentina e de outros países do continente apresentaram, com a liderança do Instituto Interamericano de Cooperação Agrícola (IICA), uma ideia simples que abre um amplo leque de oportunidades: a agricultura é parte da solução, não o problema”, escreveu Mira quando a COP27 chegava ao fim.

Não é simples. Na cúpula, uma companhia holandesa que compila dados sobre desmatamento informou como vem aumentando a demanda de seus serviços por parte das empresas de produção e consumo massivo de alimentos.

“Com a expectativa da entrada em vigor a partir de 2024 de novas normas da União Europeia para o setor, a preocupação dessas companhias será evitar adquirir insumos produzidos em áreas desmatadas para evitar punições”, disse um dos diretores da Satelligence.



Inflação e clima mudam hábitos alimentares

Os desafios argentinos começam em casa. Além das geadas e da seca, existe um problema enraizado no país, que tem mudado os históricos hábitos alimentares.

A Argentina já não é mais um país ‘carnívoro’.

A expectativa é de que a inflação acumulada bata 100% este ano, e com isso o preço da carne bovina tem subido em torno de 4,5% por mês.

O aumento é até menor do que a taxa mensal de 6% da inflação, mas mesmo assim os



argentinos migraram para opções menos caras, como frango e porco.

O consumo per capita de carne bovina é o menor dos últimos 100 anos, de acordo com dados do setor.

No início do século passado, cada argentino consumia em média cerca de 70 quilos. Agora, essa média baixou para 47 quilos.

Além do preço, há novos hábitos. Assim como em outros países, muitos jovens (e outros não tão jovens) deixaram de comer carne.

Defesa do clima ganha espaço na agenda de líderes do Cone Sul

Por MÁRCIA CARMO, Argentina

Com problemas crônicos como a inflação, a expectativa com a atuação de Messi no Catar e sustos como a 'gastrite erosiva' que acometeu o presidente Alberto Fernández durante a reunião do G20, o espaço para a cobertura da COP27 não foi dos maiores na Argentina.

No domingo, logo depois da conclusão do encontro, o jornal Clarín destacou a decepção do vice-presidente da Comissão Europeia, Frans Timmermans, ao dizer que faltou "linguagem forte" no trato da mitigação (leia-se emissão de poluentes) no texto final.

Outro jornal influente, o Página 12, avaliou que a COP27 terminou com uma boa e uma má notícia: o fundo do terceiro mundo e a falta de medidas mais assertivas para a redução do uso do petróleo.

A guerra à exploração petrolífera, aliás, foi a principal bandeira defendida na COP pelo presidente da Colômbia,

Gustavo Petro. Primeiro líder de esquerda eleito no país, ele tomou posse em agosto depois de defender essa posição na campanha.

Sua pretensão conta com forte apoio dos ambientalistas e, ao mesmo tempo, enorme rejeição das petrolíferas e dos economistas, que entendem que a Colômbia depende dos recursos financeiros gerados pela exploração de petróleo.

É uma queda de braço na qual Petro acredita que o meio ambiente deva falar mais forte. "A solução para o planeta e a humanidade é um mundo sem petróleo e sem carvão", disse na COP27.

Já o ministro chileno de Energia, Diego Pardow, desembarcou no encontro dizendo que o Chile tem a meta de "carbono neutro" até 2050. E defendeu que o "hidrogênio verde chileno" pode servir para a transição energética global.

O país tem ampla capacidade eólica e solar, e vem adotando várias alternativas de energias limpas. Esse caminho é o que Petro diz querer trilhar também na Colômbia.

A conscientização sobre os efeitos do clima parece estar crescendo entre alguns governantes da região, apesar de a COP27 ter rapidamente perdido espaço com a largada da Copa do Mundo.

Frente para salvar a Amazônia

Dois dias antes do encerramento do encontro no Egito, o presidente da Colômbia, Gustavo Petro, escreveu em suas redes sociais que desabamentos após fortes chuvas no município de Piojó, na região norte da Colômbia, eram efeito da crise climática.

E acusou a exploração de minério no local como responsável por agravar o drama.

Em seu discurso na cúpula, o presidente colombiano disse esperar que seu país, juntamente com a Venezuela e o futuro governo brasileiro de Lula, formem uma "frente comum para salvar a selva amazônica".



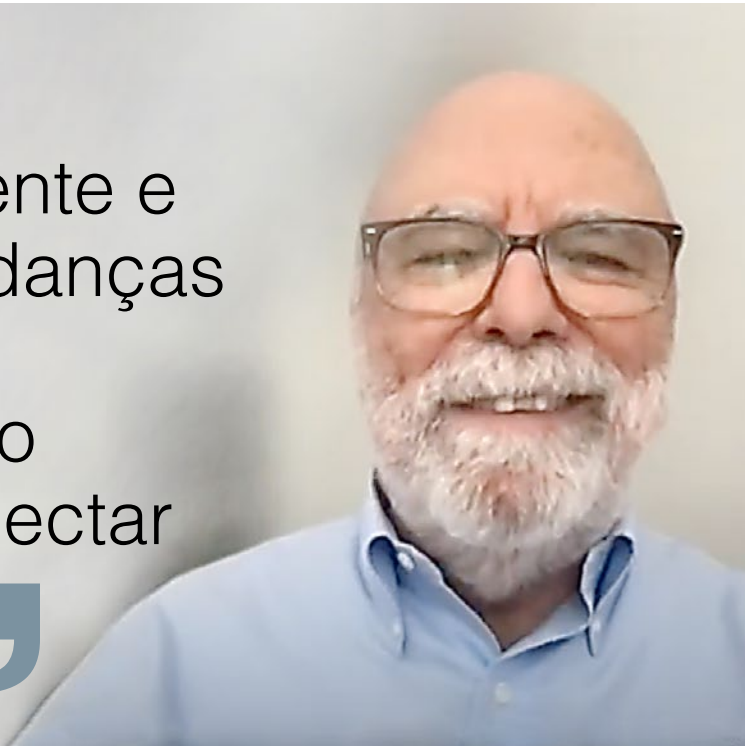
Gustavo Petro, em discurso na COP27

DIVULGAÇÃO (VIA TWITTER)

“

A cobertura eficiente e brilhante das mudanças climáticas é uma oportunidade de o jornalismo se conectar com o público

”



Por LUCIANA GURGEL, MediaTalks

Meu pai passou por este de gerações que passaram pela Universidade Federal Fluminense e pelo Jornal do Brasil nos anos 70 e 80, e nas duas últimas décadas pelo Knight Center para o Jornalismo nas Américas, o brasileiro Rosental Calmon Alves elegeu o clima como uma de suas prioridades na instituição que dirige.

E não é só por preocupação com o planeta. Para o jornalista e professor da Universidade do Texas em Austin, que fundou o Knight há vinte anos, o jornalismo ambiental oferece oportunidades de negócios para a indústria jornalística, castigada pela concorrência das gigantes digitais.

Em conversa com o MediaTalks no último dia da COP27, ele recordou uma história que ilustra a mudança da postura da mídia em relação ao clima.

Nos anos 80, ao entrevistar com o jornalista Kiko Brito o então editor-chefe do Washington Post, Ben Bradlee, que viajaria à Amazônia, ouviu dele: “não posso acreditar que o desodorante que

uso debaixo do braço aumente o buraco da camada de ozônio”.

Pode ter sido coincidência, mas tempos depois, no dia seguinte à saída do “cético ambiental” do jornal, o Post destacou na capa os riscos do CFC para o meio ambiente.

“Pareciam que estavam esperando ele ir embora”, diverte-se Rosental. E a substância logo viria a ser banida graças à comprovação dos riscos.

Isso não significa que o negacionismo tenha acabado, como lembra ele, preocupado com o ‘efeito Trump’ na desinformação climática.

“Dentre todas as mentiras que Trump disse, as relacionadas com a crise ambiental foram gritantes”, observou.

Para neutralizar esse efeito, Rosental diz que é preciso investimento e capacitação. Confira as principais lições que ele destaca para uma cobertura adequada das mudanças climáticas, algumas delas tiradas da pandemia e até das telas do cinema.



Don't Look Up

“A melhor analogia para retratar este momento é o filme Don't Look Up, que mostra uma imprensa insensível ao fim do mundo iminente e lembra coisas importantes ao jornalismo.”

Polêmica científica e ‘bothsiderism’

“Uma delas é que passamos da era da polêmica científica. A crise climática vai além de qualquer controvérsia. É um tema notório, e é bom que as redações estejam revendo suas prioridades, porque há uma década houve um declínio. Muitas pararam de cobrir mudanças climáticas ou se prenderam ao “bothsiderism”, ouvindo o ‘outro lado’ como se fossem dois lados equivalentes.”

Tema complexo em meio à tempestade perfeita

“Outra coisa importante é reconhecer a complexidade do tema. É um jornalismo que demanda especialização, mais caro. E isso torna o contexto ainda mais complicado, porque estamos na tempestade perfeita. Empresas jornalísticas enfrentam uma crise financeira e estrutural. Elas estavam acostumadas com crises cíclicas, mas essa veio para ficar.”

Engajamento

“Toda crise oferece oportunidades. Uma cobertura eficiente e brilhante das mudanças climáticas é uma oportunidade de se conectar com o público, gerando o engajamento que o jornalismo tanto precisa.”

Exemplo do mundo corporativo

“É necessário capacitação, não só de repórteres, mas também de editores, para entender o que muitas corporações já entenderam. Por exemplo: quando você compra uma passagem aérea, as companhias falam da pegada de carbono e como neutralizar. As empresas de tecnologia também fazem isso. Ser negligente na cobertura dessa crise significa não apenas perder uma oportunidade, mas ficar para trás. É preciso despertar para esse problema planetário.”

Jornalismo crítico e não omisso

“O bom jornalista é o que desconfia. O ceticismo está em nosso DNA. É preciso ver com desconfiança mensagens sobre cuidados com o planeta. Mas uma coisa é desconfiar e cobrir de maneira crítica. Outra é ignorar o tema por achá-lo complexo.”

Problemas e soluções

“A cobertura ambiental dos anos 70 e 80 foi muito importante, mas inspira um outro aspecto que deve ser observado agora.



Não se pode falar apenas sobre os problemas trazidos pelas mudanças climáticas, mas também sobre as soluções para enfrentá-los. Os cursos do Knight Center têm muito foco nisso, em um momento em que as evidências são abundantes. Também é valioso retratar a situação de setores prósperos como o de energia renováveis. É fundamental fazer um jornalismo que seja propositivo, além de informativo.”

Editorias, verticais e eventos

“Estamos saindo de um governo marcado pelo negacionismo ambiental. É hora de se criar mais cobertura sobre mudanças climáticas e aproveitar oportunidades de negócio.

Setores como o de energias limpas estão crescendo rapidamente, movimentam muito dinheiro e investimentos. É um bom campo para criar editorias e verticais. Outra área promissora que vemos aqui é a de eventos, vitais para a diversificação que a indústria jornalística precisou fazer depois do impacto das empresas de tecnologia.”

Lições da pandemia para o jornalismo

“Assim que a pandemia foi decretada, conversei com o brasileiro Guilherme Canela, da Unesco, sobre como ajudar jornalistas a cobrirem o tema. Em menos de um mês anunciamos um curso que atingiu 9 mil pessoas em 170 países, em quatro idiomas. Depois fizemos

outros, além de webinars. Tivemos ali a seguinte lição: é complexo cobrir algo que não é conhecido. Estamos acostumados a coletivas em que se anuncia algo que aconteceu. Mas a pandemia mostrou para milhares de jornalistas que não havia respostas. E de repente, todos eram jornalistas de ciência.”

A maratona da covid

“A pandemia se espalhava com rapidez que nunca tínhamos visto em nossa geração, e a ciência ia evoluindo junto. Foi como uma maratona, em que alguns erravam e caíam pelo caminho, outros se levantavam e corriam, e a gente ia enfrentando os negacionistas que diziam que vacina fazia virar

FREERIK

jacaré ou que a covid era uma gripezinha.”

Mudança climática, a ‘nova pandemia’

“Esse padrão da cobertura inicial da pandemia durou meses, mas com as mudanças climáticas vai perdurar por anos ou décadas. A ciência não tem todas as respostas, e os jornalistas precisam compreender como ela funciona. A pandemia foi uma espécie de ‘ensaio concentrado’ da abordagem adequada para acompanhar uma crise que não vai ser tão rápida, com data para acabar com uma pandemia.”

Todos vão virar jornalistas de ciência

“As escolas de comunicação devem incorporar aulas de jornalismo ambiental ou de jornalismo científico. Tomando como exemplo a pandemia, o jornalismo ambiental é muito sério para ficar restrito a jornalistas especializados. Nunca se sabe em que momento um jornalista vai ter que lidar com temas científicos, seja ele da editoria de economia, esportes ou cidades.”

Não é bobagem escrever sobre esperança,” defende instrutor de curso de jornalismo ambiental do Knight Center

Entre os cursos recentes do Knight Center está um treinamento trilingue, gratuito e online [sobre a cobertura das mudanças climáticas e combate à desinformação](#), que contabiliza quase 4 mil participantes desde o lançamento.

O instrutor é **John Schwartz**, jornalista científico que trabalhou no The New York Times e é professor de jornalismo na Escola de Jor-

nalismo e Mídia da Universidade do Texas.

Ele ensina que não se deve apenas condenar o futuro, criando pânico e uma sensação de impotência. E que “não é bobagem escrever sobre esperança.”



REPRODUÇÃO

O curso reúne conversas de Schwartz com nomes como o cientista climático Kerry Emanuel, o pesquisador Anthony Leiserowitz, a repórter científica Maggie As-tor, o comunicador científico climático John Cook, e os repórteres especializados em meio ambiente Jesus Jiménez e Cara Buckley.

Os interessados podem acompanhar as aulas na

plataforma de cursos autogeridos do Knight Center.

No final de 2021, a instituição também ofereceu o treinamento [Jornalismo científico: da pandemia à crise climática, como melhorar a cobertura de ciência](#), em português, útil para quem quer se aprimorar no acompanhamento de questões relacionadas ao tema.



Na Itália, cobertura 'morna' e ofuscada por outros eventos internacionais

Guerra na Ucrânia, eleições nos EUA, primeiros passos do governo da primeira-ministra Giorgia Meloni e até um atentado em Istambul, na Turquia.

Essas são algumas das razões apontadas por jornalistas e ambientalistas para explicar o espaço reduzido da COP27 na mídia italiana. É uma cúpula menos impactante se compararmos com a edição de Glasgow.

A comentada ameaça de boicote devido às violações de direitos humanos por parte do governo egípcio e a inibição de protestos de rua não parecem ter sido o fator fundamental para afugentar os jornalistas da cúpula.

"A imprensa italiana acompanha a COP27 de forma flutuante", explica a repórter Sara Gandolfi, do Corriere della Sera, um dos mais importantes jornais italianos. Ela só embarcou para o Cairo no dia 14 de novembro.

Entre os poucos jornalistas italianos que participaram desde o início da conferência está Ferdinando Cotugno, que há anos cobre temas relativos ao clima para o jornal romano Domani.

"No ano passado, houve pressão para confirmar as metas do Acordo de Paris de manter o aquecimento global abaixo de 1,5°C e de reduzir pela metade as emissões anuais de gases de efeito estufa nos próximos oito anos", analisa Cotugno.

Ele culpa a organização da cúpula, a complexa abordagem dos temas tratados e a ausência de personagens como a sueca Greta Thunberg e a italiana Martina Comparelli, da Fridays for Future, pela queda do interesse.

"As jovens ativistas preferiram deixar espaço para as colegas de países em desenvolvimento. E isso também tirou um pouco da atenção.

Uma pena, já que em 2022, só na Itália, os efeitos da mudança climática foram devastadores em várias regiões do país", disse.

Escassez de água potável, aumento das inundações e até mesmo insegurança alimentar são consequências da falta de cuidado com o meio ambiente.

"A enchente de rara dimensão que aconteceu no centro da Itália, na região de Marche, está ligada certamente à mudança climática", divulgou Alessandro Miani, presidente da Sociedade Italiana de Medicina Ambiental, em um relatório que avalia as interações entre o meio ambiente e a saúde.

Eventos climáticos vêm aumentando no país. Foram 130 desde o começo de 2022. O último foi a falta de água no verão europeu.

REPRODUÇÃO / TWITTER

Declarações de Giorgia Meloni recebidas com reservas pela mídia

A nova líder do governo italiano, Giorgia Meloni, esteve presente no Egito desde a abertura da COP27.

O encontro com o presidente do país anfitrião, Abdul Fatah Al-Sisi, gerou críticas da imprensa e de ativistas devido ao assassinato do pesquisador italiano Giulio Regeni, em 2016, no Cairo.

As autoridades egípcias jamais se pronunciaram sobre o ocorrido e as relações entre os países ficaram estremecidas.

Quanto à política climática, a primeira-ministra reafirmou o compromisso de reduzir as emissões de gás CO2. Mas a imprensa está cética.

"A retomada das perfurações no mar Adriático contrasta com o compromisso de redução do uso de combustíveis fósseis e adoção de energias renováveis", analisa Sara Gandolfi, do Corriere della Sera.

Em 2009, os países ricos concordaram em destinar US\$ 100 bilhões por ano a partir de 2020 para programas de redução de emissões e adaptação às mudanças climáticas.

"Na Itália, o orçamento foi triplicado para € 1,4 bilhão para os próximos cinco anos, incluindo € 840 milhões alocados pelo novo Fundo Climático Italiano", lembra Ferdinando Cotugno, do jornal Domani.



Imprensa italiana atenta à emergência climática, mas não o suficiente

Por **FERNANDA MASSAROTTO**, Itália

Apesar do espaço limitado nos meios de comunicação do país para a COP27, a imprensa italiana tem dado mostras de que o assunto é de máxima importância.

Cadernos especiais e jornalistas especializados vêm aumentando com o passar dos anos.

Sara Gandolfi acompanha políticas ambientais há 20 anos e acredita que os colegas têm feito um bom trabalho.

“Houve um grande avanço. No início, éramos poucos e os especialistas tinham dificuldade em publicar artigos científicos na imprensa”.

O risco, porém, é o de se tornar uma ferramenta de greenwashing. Ou seja, de escrever sobre



Sara Gandolfi



Ferdinando Cotugno

projetos menores e não totalmente transparentes de empresas que precisam “limpar sua imagem”, observa a repórter italiana.

Já Ferdinando Cotugno, que escreveu os livros Primavera ambiental - a última revolução para salvar a vida na Terra e Italian Wood, sobre os bosques nacionais, ressalta que a mídia italiana esbarra numa dificuldade:

“É claro que o tema vem recebendo mais atenção. Os meios de comunicação são o reflexo da mudança de pensamento da sociedade, que se interessa mais sobre o assunto”, pondera ele.

“Infelizmente ainda há uma certa dificuldade em relacionar efeitos e causas das mudanças climáticas. Acabamos falando muito sobre os efeitos e deixamos de lado as causas”.

Por **NELSON SILVEIRA**

Diretor de Estratégia de Comunicação GM América do Sul



Cada passo conta na jornada da sustentabilidade

Quando o mundo começou a despertar para a realidade dramática do aquecimento global, com governos e organizações públicas e privadas vendo os impactos evidenciados pela ciência, a GM decidiu reestruturar seu negócio norteada pela visão de um futuro sustentável, com zero acidente, zero emissão e zero congestionamento.

Acreditamos que o futuro da mobilidade é 100% elétrico, autônomo e conectado. São esses os pontos-chave para que a mobilidade seja mais inteligente, eficiente e sustentável. Assumimos o compromisso de zerar a emissão de carbono de produtos e operações até 2040. A partir de 2035, só lançaremos veículos 100% elétricos, zero emissão.

Apesar do forte trabalho rumo a essas iniciativas, sempre há mais por fazer. A sustentabilidade engloba aspectos sociais

e de governança, aos quais precisamos estar atentos para dar um passo além.

A GM tem o compromisso de ser a empresa mais inclusiva do mundo; nossa campanha “Everybody In” expressa o sentimento de que queremos todos a bordo do futuro da mobilidade sustentável. No Brasil e no mundo, há grupos na companhia dedicados a discutir diversidade, equidade e inclusão sob o prisma do bem-estar e da importância de termos vozes diferentes, que reflitam diversidade de ideias e de culturas.

No entanto, para além das questões objetivas, há sempre mais a ser feito. Na esteira da COP27, a GM optou por se engajar em uma nova causa e passou a integrar a First Moves Coalition, iniciativa criada pelo presidente dos Estados Unidos Joe Biden e pelo Fórum Econômico Mundial, com o objetivo de descarbonizar sete setores-chave da economia, responsáveis por 30% das

emissões de carbono no mundo: alumínio, aviação, produtos químicos, concreto, transporte, aço e caminhões.

O papel de empresas como a GM é o compromisso em adquirir materiais mais sustentáveis. Durante a cúpula, anunciamos que ao menos 10% do volume de cimento e concreto adquirido pela companhia anualmente será verde, ou seja, zero carbono. Isso reforça nosso engajamento em uma agenda ESG ampla, que permeia todas as nossas decisões.

Cada passo importa. Cada pequena atitude rumo a um mundo e a uma sociedade mais sustentável reverbera e gera impacto. Estamos atentos e prontos para adotar todas as medidas que mantenham nosso negócio e nossas operações em linha com as necessidades e anseios da sociedade. Temos a responsabilidade de cultivar atitudes positivas que construam uma rede consciente e ativa, em prol de um futuro melhor.

ESCREVENDO O FUTURO A PARTIR DO ZERO.

www.gm.com | CHEVROLET

Zero acidente.
Zero emissão.
Zero congestionamento.

A GM compartilha a visão de um futuro com zero acidente, zero emissão e zero congestionamento. Assumimos o compromisso da neutralidade em emissões de carbono até 2040. Estamos investindo 35 bilhões de dólares até 2025 para lançar 30 modelos 100% elétricos em todo o mundo. No Brasil, já anunciamos novos modelos da Chevrolet que, junto ao Bolt EV, vão complementar o portfólio zero emissão no país.



Juntos salvamos vidas.

Os veículos Chevrolet estão em conformidade com o Proconve - Programa de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores. SAC: 0800 702 4200.





Com participação vetada, rei Charles escapou das confusões do Reino Unido na COP27

Poucos países mudaram tanto desde a COP26 como o Reino Unido. O país perdeu sua rainha, tem o terceiro primeiro-ministro em menos de um ano e entrou em recessão.

Como tudo por aqui, a COP também foi marcada por confusões, a começar pela representação do país.

Uma das excentricidades atribuídas ao rei Charles é a fama de conversar com árvores. O que era visto como esquisitice virou atestado de que o monarca era ambientalista antes de isso virar moda ou obrigação.

Seria perfeito um rei 'verde' na cúpula para promover o país precisando de um reforço em sua imagem, certo? Errado. Pelo menos para a breve primeira-ministra Liz Truss.

Em seis semanas no cargo, ela cometeu erros econômicos, políticos e ambientais. Um deles foi o de vetar a ida do rei ao Egito, uma prerrogativa do chefe de governo.

O motivo pode ter sido uma de suas medidas polêmicas: a liberação do fracking, terror dos defensores do meio ambiente, que poderia provocar constrangimentos para o rei.

Quando ela caiu, o sucessor fez pior. Embora tenha voltado atrás e mantido o banimento do fracking, Rishi Sunak sustentou a 'recomendação' de Charles não ir ao Egito - e disse que ele próprio não iria.

Mas recuou e decidiu viajar depois que o esperto Boris Johnson aproveitou o vácuo e disse que estaria na COP.

No entanto, a presença dos dois não ajudou a restaurar a desgastada imagem do governo em questões ambientais.

A mídia criticou o discurso oficial de quatro minutos de Sunak, pelo 'nada' que disse. Já Johnson preferiu o sincericídio: na COP27, chocou ao admitir que o país poluiu muito, mas que não tinha condições de ajudar as nações pobres afetadas pelas mudanças climáticas.

Parece insensível, mas a opinião dele está em linha com o que pensam muitos britânicos. Uma pesquisa do YouGov revelou que só um terço da população (34%) acha que as mudanças climáticas devem ser tratadas como prioridade para receber investimentos.

E sete em cada dez britânicos (70%) duvidavam de progresso significativo a partir da cúpula.

Nesse contexto, os protestos do grupo Just Stop Oil são vistos com reservas por eleitores que discordam de fechamento de ruas e ataques a obras de arte.

Mas é inegável que tais atos têm o seu valor, deixando o governo e os policiais imprensados entre a necessidade de conter os protestos e o risco de serem acusados de repressores e, pior, coniventes com os poluidores.

Mesmo com a crise econômica, a concorrência com outros eventos globais e as confusões das autoridades de plantão, a COP27 recebeu muita atenção da imprensa, talvez pelo fato de o país ter sediado a cúpula em 2021.

Ou pela influência do The Guardian, fortemente engajado na questão das mudanças climáticas. Isso pode ter contribuído para que os concorrentes mantivessem o tema na pauta.

O Guardian é um dos fundadores da coalizão Covering Climate Now e liderou durante a COP27 a [iniciativa de um editorial conjunto](#) divulgado simultaneamente por publicações de mais de 20 países. O texto cobrava um imposto sobre combustíveis fósseis e um fundo de ajuda financeira às nações mais pobres.

O Reino Unido assinou o acordo de perdas e danos. Mas isso não servirá para afastar os fantasmas que rondam o governo de um país dependente de combustíveis fósseis. E que precisa equilibrar cobranças de ativistas e da imprensa com expectativas de seus eleitores.

O rei Charles deve estar rindo muito ao conversar com suas árvores, pois acabou ficando longe da confusão.

Rei Charles, em foto comemorativa dos 74 anos



DIVULGAÇÃO / THE ROYAL FAMILY



Mídia francesa foi uma das mais numerosas na COP acompanhada por mais jornalistas

A COP27 terminou com um acordo arancado na marra pelos diplomatas. E firmou-se como a edição acompanhada pelo maior número de jornalistas, a ponto de surpreender Tim Davis, o queniano que há 17 anos chefia a assessoria de imprensa do evento.

“Não previ o entusiasmo desta edição. Achei que Sharm el-Sheikh seria um evento menor que Glasgow. Tomei como base de cálculo os números de Marrakesh em 2016, a que se seguiu à COP de Paris”, relatou numa entrevista à Rádio França Internacional (RFI).

A primeira COP, em Nairobi, na África, em 2005, tinha apenas 30 representantes da mídia, lembrou Davis. E a COP21 em Paris, em 2015, foi grandiosa, com cerca de 5 mil. Mas Sharm-el-Sheikh mostrou como o tema desperta cada vez mais o interesse do público no mundo.

Jornalistas trabalharam num centro de imprensa quase do tamanho de um campo de futebol. Mas nem isso foi suficiente:

“A mudança climática está se tornando uma questão cada vez mais importante e atraindo a atenção”, constatou.

A imprensa francesa compareceu em peso. E se preparou antecipadamente. O grupo TF1, que reúne vários canais de TV, lançou em setembro um “roteiro climático”, para reforçar a cobertura sobre a crise.

“Não é uma questão de ativismo, mas sim de pedagogia”, disse o chefe de informação do grupo, Thierry Thuillier.

A TF1 agrupou sob a marca “Nosso planeta” os cerca de 500 conteúdos que veicula por ano sobre o tema. Anunciou ainda uma série de reportagens em realidade aumentada para mostrar o impacto que as mudanças climáticas terão na França em 2030 em várias áreas, como transporte, alimentação, trabalho, energia e moradia.

Revistas especializadas publicaram reportagens especiais. Na Les Echos, o ângulo foi o custo econômico e humano do risco climático, com a multiplicação de secas, incêndios e secas.

MACRON VIRA ‘INFLUENCER’ E RECEBE CRÍTICAS POR ENCONTRO COM MADURO

Na França, o debate ambiental mobiliza as pessoas, a ponto de o presidente Emmanuel Macron ter recorrido ao Twitter durante a COP27 para responder perguntas sobre mudanças climáticas. No melhor estilo dos “influencers”:

Como é comum nas redes sociais, Macron recebeu todo tipo de reação, de tímidos elogios a críticas ferozes. “Os verdadeiros poluidores são os teus amigos industriais e financistas”, escreveu um. “Não acreditamos mais em você”, respondeu outro.

O presidente também foi notícia por seu breve e caloroso encontro nos corredores da COP27 com o presidente venezuelano Nicolás Maduro.

A França não reconhece oficialmente Maduro como líder da Venezuela, mas Macron chamou o sorridente Maduro de “presidente”.

A conversa durou apenas dois minutos. Mas deu tempo para Macron disparar: “Ficaria feliz se pudéssemos conversar mais, se pudéssemos nos engajar em um trabalho bilateral útil para a região”.

“Estamos assistindo a uma aproximação espetacular entre Paris e Caracas?”, perguntou a Radio França Internacional (RFI), lembrando que em junho o presidente francês, preocupado com a crise energética, defendeu que o petróleo venezuelano fosse colocado de volta no mercado. O jornal Libération tratou o encontro como “pura realpolitik”.

Jean-Luc Mélenchon, ex-candidato à Presidência e uma das vozes mais críticas da esquerda francesa, não perdoou no Twitter: “Reunião muito amigável de Emmanuel Macron e Nicolás Maduro em Sharm el-Sheikh. A necessidade de petróleo o torna educado”.



Na França, imprensa passou da euforia à decepção – e virou a página com a Copa

Por DEBORAH BERLINCK, França

O discurso do presidente eleito Lula anunciando que “o Brasil está de volta” e prometendo preservar a Amazônia soou como música para a imprensa francesa, que deu muito destaque à sua presença.

A TV5 Monde gostou da ideia de uma cúpula na Amazônia. “É um anúncio que vem revigorar uma COP27 atolada em divergências”, destacou num artigo da versão online da rede.

Mas ao fim da conferência, o tom da mídia tornou-se pessimista. Ecoou a

decepção manifestada por Macron, por representantes da União Europeia e pelo próprio secretário-geral da ONU, António Guterres, a respeito do pouco avanço na redução das emissões de gases do efeito estufa.

“Acordo COP27: hip hip hip hooray? Lamento, mas não”, foi o título do editorial do Libération.

Segundo o jornal, ainda que um fundo destinado às “perdas e danos” do aquecimento global tenha sido obtido pelos países do chamado “sul glo-

bal”, a cúpula não resolveu a questão do “drástica redução das emissões”.

O Le Monde foi na mesma linha: “Na COP27, acordo histórico de ajuda aos países pobres, mas sem aceleração no combate ao aquecimento global”.

A conferência do clima terminou nas primeiras horas de 20 de novembro, uma data infeliz para os ambientalistas: este foi o domingo da abertura da Copa do Mundo no Catar.

Os jornais franceses viraram muito rapidamente a página. Já no sábado, dia 19, antes mesmo de a COP27 esfriar, a manchete na primeira página do jornal Le Figaro era “Mundial no Catar: esporte, diplomacia e polêmicas”.

ARQUIVO PESSOAL

O grupo de WhatsApp que reuniu a mídia brasileira cobrindo a cúpula

Enquanto a imprensa de alguns países lamentou a falta de notícias, a do Brasil não teve do que reclamar.

A primeira cúpula climática depois das eleições mobilizou não só os jornalistas brasileiros, mas também muitos estrangeiros interessados em conhecer os rumos da política ambiental do governo de Lula.

Talvez por isso tenha havido mais jornalistas brasileiros atuando no Egito, apesar da maior distância em relação à Escócia, sede da conferência passada.

Para facilitar a vida de todos, um grupo de WhatsApp aglutinou a maioria dos jornalistas

brasileiros, como também alguns estrangeiros e assessores de ONGs ambientais.

Com mais de 200 integrantes, o grupo virou parada obrigatória para ter acesso a informes, convites para coletivas, fotos e de vez em quando, desabafos sobre os percalços com transporte ou infraestrutura.

Uma das que alimentou o grupo foi Solange Barreira, responsável pela assessoria de comunicação do Observatório do Clima.

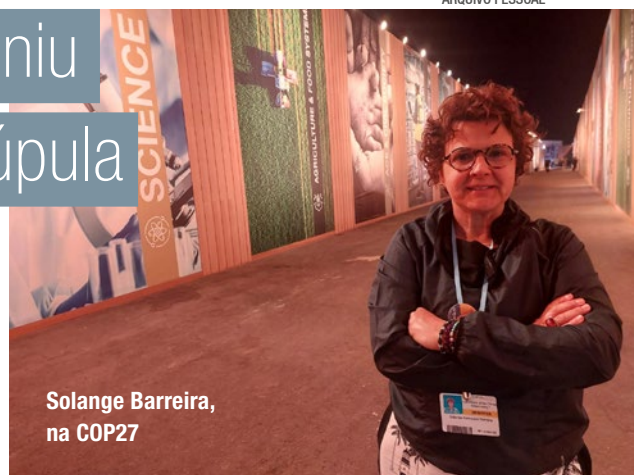
A ONG faz parte do grupo gestor do Brazil Climate Action Hub, espaço da sociedade civil criado na COP25, em Madri, depois que

instituições encontraram barreiras para participar do stand oficial do Brasil na conferência.

Assim como nas cúpulas anteriores, o espaço congregou este ano ativistas, políticos, representantes de empresas e jornalistas brasileiros e estrangeiros.

No apagar das luzes em Sharm El-Sheikh, ela fez um balanço das dias da conferência.

“Esperava-se que fosse uma COP ‘morta’, meio de ressaca depois da euforia de Glasgow, mas foi intensa, efusiva e emotiva”, avaliou, para lamentar em seguida: “Pena que do ponto de vista de progressos a expectativa se confirmou”.



Solange Barreira, na COP27

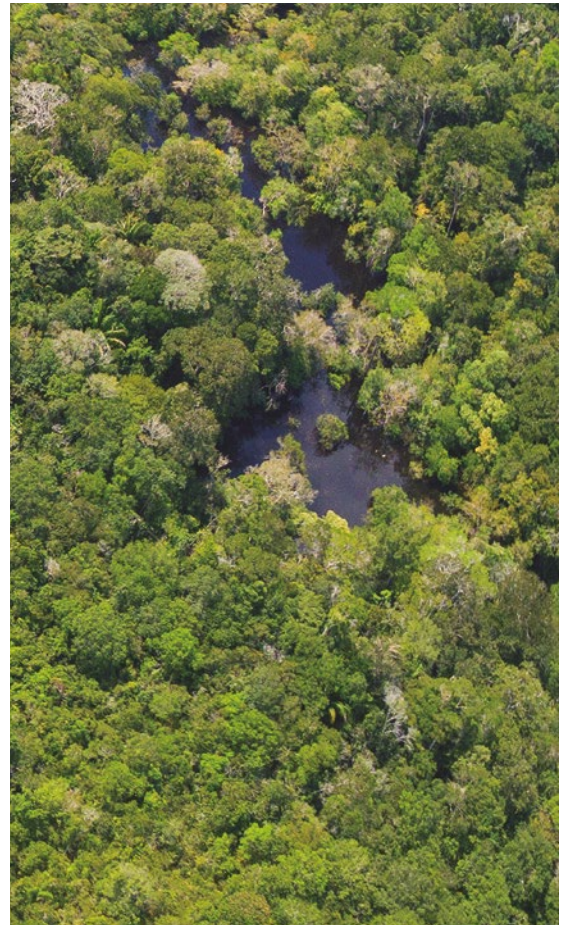
Em contrapartida, a presença de Lula e de figuras respeitadas na cena ambiental como as ex-ministras Marina Silva e Izabela Teixeira proporcionou “um grande alívio”, diz ela.

A assessora destacou um comentário de uma repórter do jornal português Público: “Muito bom ver os brasileiros felizes de novo na COP”.

Solange observou que a atmosfera positiva não era apenas pela

COP em si, mas pelo momento de distensão depois de um período em que ativistas ambientais e jornalistas do setor viveram tempos difíceis na relação com o governo.

A veterana de conferências do clima também comemorou o aumento de interesse da imprensa brasileira, crescente nos últimos anos: “na época da COP15 era difícil até convencer os veículos a colocarem o clima na pauta”.



Juntos por um avanço sustentável

A Hydro estabeleceu metas globais para tornar suas operações neutras em emissão de CO2 até 2050 e para isso investe na troca da sua matriz energética com a inserção de fontes renováveis de energia. Dentro da ambição de evitar perda de biodiversidade, a empresa já reabilitou uma área equivalente a 2.600 campos de futebol e realiza estudos sobre a fauna e flora amazônica. Com o compromisso de ser um bom vizinho, a Hydro mantém 25 projetos sociais que beneficiam mais de 80 mil pessoas no Pará. É com foco em uma atividade responsável e cuidadosa que caminhamos juntos pelo clima, sociedade e meio ambiente.



Indústrias que fazem a diferença

“ A mídia tem obrigação social e moral na comunicação sobre mudanças climáticas ”

por LUCIANA GURGEL, MediaTalks

As perdas e danos causados pelas mudanças climáticas não são apenas econômicas. A ansiedade climática fez parte da agenda da COP27, porque seus efeitos são cada vez mais severos à medida em que a crise ambiental avança e é retratada em cores fortes pela mídia.

Um dos debates na cúpula foi o painel Impactos Multifacetados das Mudanças Climáticas sobre a Saúde Mental, que teve como participantes as pesquisadoras Sanae Okamoto e Nidhi Nagabhatli.

Em uma análise sobre o problema, elas salientam que eventos climáticos extremos impactam psicologicamente os que são diretamente afetados e aqueles que temem os riscos.

Além da já familiar eco-ansiedade, outras condições têm sido descritas, como a solastalgia ou “saudade sem sair de casa”, sentida por pessoas cuja terra natal ou ambiente familiar está mudando.

As pesquisadoras conversaram com o MediaTalks e fizeram recomendações para que a imprensa seja parte da solução e não do problema.



Sanae Okamoto
Pesquisadora em Ciência Comportamental e Psicologia, da Maastricht Economic and Social Research Institute/ Universidade das Nações Unidas

Nidhi Nagabhatli
Pesquisadora e Coordenadora do Cluster Institute on Comparative Regional Integration Studies da Master University/ Universidade das Nações Unidas



Equilíbrio

"O papel da mídia deve ser ponderado. Sem as informações fornecidas pelo jornalismo, as pessoas ficariam desinformadas ou se tornariam alheias ao problema. No entanto, inundá-las com muita informação também as deixa sobrecarregadas."

Verdades inconvenientes

"Embora haja consenso de que compartilhar verdades inconvenientes sobre a

mudança climática tem o potencial de pressionar governos e empresas, além de tornar as pessoas mais pró-ambientais, a forma de 'empacotar' essas informações é crucial."

Aos fatos

"A confiabilidade das informações e as fontes devem ser valorizadas. É imperativo garantir que a mídia seja responsável e que o noticiário seja baseado em fatos. A atribuição da origem

é um aspecto crucial na distribuição das informações."

Riscos x Soluções

"Como as pessoas comuns não costumam ler artigos científicos, ou podem não ser tecnicamente qualificadas, é fundamental que os fatos sejam relatados com clareza, destacando a realidade e os riscos e também as soluções para mitigar os impactos das mudanças climáticas."

Independência

"A relação dos meios de comunicação com o setor empresarial ou com representantes do lobby político não deve influenciar a cobertura sobre as mudanças climáticas."

Saúde mental

"As reportagens sobre os impactos na saúde mental são limitadas, desagregadas ou baseadas em pontos de vista pessoais de quem produz o conteúdo. É necessário aprimorar isso, levando ao público informações sólidas e consistentes."

Responsabilidade

"Como elemento-chave na formação de opinião e da

percepção dos riscos ou esperanças relacionados aos impactos das mudanças climáticas, a mídia tem obrigações sociais e morais na comunicação sobre a crise ambiental."

Interesse crescente

"A mudança climática tornou-se uma experiência muito próxima devido ao aumento da intensidade, frequência e amplitude de eventos climáticos como ondas de calor, secas, incêndios florestais, tempestade e chuvas extremas. Acreditamos que o tema vai chamar cada vez mais a atenção da sociedade, principalmente dos jovens."

“
É imperativo garantir que a mídia seja responsável e que o noticiário seja baseado em fatos”



Mais política e menos ciência na cobertura do clima pela mídia espanhola

A crise climática se instalou entre as prioridades da imprensa espanhola. Porém, a vinculação do noticiário ambiental ao universo político na maioria dos veículos mostra que o viés científico ainda não conseguiu se impor.

Uma análise das reportagens publicadas nos meios principais revela um peso desproporcional dado aos líderes que estiveram na COP27, incluindo o primeiro-ministro espanhol Pedro Sánchez.

A presença dos mandatários e focos a respeito deles dominaram a cobertura. Em veículos conservadores, como Libertad Digital e El Español, o encontro entre o venezuelano Nicolás Maduro e o francês Emmanuel Macron ganhou insólita atenção, com reportagens críticas e até fotogalerias.

Já na segunda semana do evento, quando avançaram as negociações, a cúpula foi relegada a um segundo plano.

Nos sites de jornais conservadores

como El Mundo e La Razón, o clima praticamente desapareceu da capa.

As manchetes passaram a ser dominadas pela reunião do G20.

A rede pública RTVE, responsável pelo Canal 1, um dos mais importantes do país, foi a única que manteve o meio ambiente entre os destaques do seu principal telejornal.

Em emissoras privadas como Telecinco e Antena 3, de maior audiência, a COP27 foi parar no segmento final.

Os espaços dedicados ao meio ambiente, mesmo no canal público, deixam evidente a perda de interesse de uma semana para a outra.

Na primeira, com os líderes ainda em Sharm El-Sheikh, foram mais de 20 minutos de cobertura no Telediario. Na última, a redução foi de quase 50%.

Previsão do tempo associada à crise ambiental

O tempo não inclui o notável espaço dedicado à previsão do tempo no

Canal 1, com frequentes menções ao efeito das mudanças climáticas. A previsão, apresentada por meteorologistas e não por jornalistas, chega a passar de cinco minutos.

Nenhuma das emissoras, porém, tem uma seção fixa diária sobre meio ambiente, diferentemente de importantes jornais e sites de notícias.

É o caso do online de linha progressista EIDiario e do maior jornal espanhol, o madrilenho El País.

O primeiro definiu a cobertura ambiental como uma de suas prioridades editoriais, compromisso expresso em uma declaração de princípios. Já o El País criou, em 2020, a editoria Clima & Meio Ambiente.

Mudança climática, 'barulho que beneficia comunistas'

Por outro lado, veículos ligados ao partido de extrema direita Vox, como o Libertad Digital e o OkDiario, abrem espaço a negacionistas das mudanças climáticas.

As duas publicações apoiam a governadora de Madri, a populista de direita Isabel Díaz Ayuso, e tiveram reações diferentes quando ela disse, minimizando a importância da COP27, que "mudança climática sempre existiu" e que "o resto é barulho que beneficia os comunistas".

O Libertad Digital ironizou a ministra da Transição Ecológica, Teresa Ribera, que criticara a governadora pelas declarações. Já o OkDiario preferiu ignorar o episódio, assim como praticamente qualquer outro relacionado à conferência do clima.

REPRODUÇÃO YOUTUBE



Mónica López, do Telediario, é a mais famosa meteorologista da Espanha

ENTREVISTA Miguel Ángel Medina, JORNALISTA DO EL PAÍS

Como o maior jornal da Espanha cobre a emergência climática

Por ALESSANDRO SOLER, Espanha

Um dos personagens mais importantes na cobertura jornalística ambiental na Espanha é Miguel Ángel Medina, editor e redator de Clima & Meio Ambiente no El País.

Ao MediaTalks, ele falou sobre como o tema é acompanhado pelo jornal e pela mídia espanhola e sobre as expectativas a respeito do Brasil em relação ao meio ambiente.



INTERESSE CRESCENTE

"Somos três jornalistas na editoria. Publicamos muito conteúdo específico, além de usarmos matérias ligadas às mudanças climáticas produzidas por outras seções do El País. Nossa newsletter semanal chega a milhares de assinantes."

CLIMA EM ALTA

"Com a emergência climática, esses temas se tornaram transversais e ocupam a manchete principal do jornal sempre que há fenômenos extremos, como nevascas, incêndios ou secas, além de se estenderem a outras editorias."

BONS EXEMPLOS

"O ElDiario, o La Vanguardia, de Barcelona, e a revista mensal e site online La Marea, de Madri, são exemplos de boa cobertura ambiental na mídia espanhola. Todos têm seções especializadas."

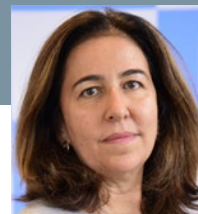
ENFOQUE FESTIVO

"Quanto às TVs, o Canal 1 é o que presta maior atenção ao assunto, enquanto emissoras privadas chegam a fazer reportagens minimizando o aquecimento global, algumas até em tom festivo do tipo 'o enorme calor em novembro, que delícia!'"

AMAZÔNIA

"Temos grandes expectativas em relação ao governo Lula. Esperamos que ele ponha freio ao selvagem desmatamento da Amazônia produzido durante o período de Jair Bolsonaro."

Por **ANA PAIS**,
Gerente de comunicação da Yara Brasil



Alimentos no centro das atenções na COP27

A cada edição da COP, aumentam os compromissos dos atores da cadeia de produção alimentar. A mudança climática é uma realidade incontestável. Na última década, segundo a ONU, mais de 1,7 bilhão de pessoas foram afetadas por eventos extremos.

Responsável por mais de um terço das emissões mundiais de GEE, a produção de alimentos é elemento-chave no processo. Um dos desafios do setor é garantir a segurança alimentar das nações, produzindo mais alimentos sem danos ao clima.

Durante a COP27, a Yara procurou mostrar que a resposta para esse dilema passa pelo entendimento de que a produção de alimentos não é antagonista à sustentabilidade, e que transformar os métodos dos

sistemas alimentares é vital para as metas de adaptação e mitigação das mudanças climáticas, assim como para deter a destruição da natureza e aumentar a segurança alimentar.

As empresas desempenham um papel importante ao liderar a transformação. A Yara promove alternativas para descarbonizar as indústrias em que está inserida, como o uso de biometano em substituição ao gás natural no Brasil, o que permitirá a produção de amônia verde no país em breve. E a redução das emissões de gases de efeito estufa em pelo menos 80% na produção de fertilizantes e outras soluções industriais.

Outra ação importante é o incentivo a práticas e uso de produtos que melhoram

a saúde do solo, a qualidade da água, preservam a biodiversidade e aumentam a produtividade. A agricultura pode ser mais sustentável e eficiente.

Mais do que uma questão de sobrevivência, a adoção de novas práticas na produção de alimentos é uma oportunidade de negócio, com potencial de gerar US\$ 4,5 trilhões anuais na economia até 2030.

Garantir sistemas alimentares mais equitativos e resilientes, capazes de responder aos desafios climáticos, ambientais, sociais e econômicos, exige trabalho em conjunto. É um caminho a ser construído com o envolvimento de toda a cadeia, para que a transformação seja, de fato, sustentável.



Depois de se eleger com promessas climáticas, líder australiano esnoba a cúpula

Na Austrália, a presença do primeiro-ministro é o que determina a cobertura da mídia, não necessariamente a relevância do tema.

A cobertura da COP27 na Austrália foi afetada pelo conflito com outros eventos internacionais. Na primeira semana, houve o encontro da Associação dos Países do Sudeste Asiático. Na segunda, o G20 em Bali.

O primeiro-ministro Anthony Albanese optou por marcar presença nesses eventos e não compareceu à cúpula do clima, recebendo muitas críticas de ativistas e de parte da imprensa.

Para representá-lo, Albanese enviou três representantes, incluindo o Ministro de Energia e Mudanças Climáticas.

Os meios de comunicação acompanharam a abertura e o início da COP27,



DIVULGAÇÃO

Longe das tensões da COP27, Anthony Albanese (terceiro da esquerda para a direita) divertiu-se plantando árvores em Bali junto com líderes do G20

com transmissões ao vivo. Mas em seguida a conferência praticamente desapareceu dos noticiários.

Veículos de comunicação com foco internacional como o The Guardian contrastaram a ausência do líder australiano com a presença do Presidente dos Estados Unidos, Joe Biden.

“Durou apenas três horas, mas a visita de Biden mostrou que foi um erro de Anthony Albanese não ir à COP27”, escreveu o jornal.

A ausência teve uma repercussão ainda maior porque Albanese tomou posse em maio com a promessa de implementar avanços ambientais, após nove anos de governo negacionista do partido liberal.

Afetados por desastres naturais, australianos são contra o carvão

Embora Anthony Albanese não tenha ido à COP27, a aprovação de um pacote de medidas ambientais 75 dias após a posse foi um sinal de que o novo governo entendeu a importância da questão para a população do país, afetada por incêndios florestais e inundações.

O pacote aprovado na Câmara dos Deputados determina a redução de 43% nas emissões de gases do efeito estufa até 2030 em comparação com 2005, e emissões líquidas

“zero” até 2050. A legislação prevê ações governamentais em várias esferas para atingir esse objetivo.

De acordo com o relatório “Clima da Nação” divulgado pelo Instituto Austrália, quase sete em cada dez australianos são contra o investimento em novas minas de carvão.

A maioria (57%) apoia a posição da Agência Internacional de Energia, que recomenda o fim de projetos de combustíveis fósseis

para limitar o aumento da temperatura global em 1,5°C.

Enquanto isso, mais de 100 projetos desse tipo aguardam aprovação no país. Os ativistas estão atentos.

“As pessoas estão ficando cansadas da tentativa do governo de querer as duas coisas. Não é possível ser um campeão do clima e aprovar novos projetos de combustíveis fósseis”, diz Sophie McNeill, pesquisadora da Human Rights Watch.

Vizinhos das Ilhas do Pacífico viram peças no xadrez geopolítico

Por LIZ LACERDA, Austrália

O governo australiano sofre críticas internas por sua política ambiental, mas nada que se compare à pressão externa proveniente das ilhas do Pacífico Sul.

Pouco antes da COP27, os países vizinhos se reuniram em Fiji e assinaram a Declaração Kioa de Emergência Climática 2022 para ser apresentada em Sharm El-Sheikh. Eles pediram mais comprometimento dos países ricos.

O aumento de ciclones e a elevação do nível do oceano provocam perda de território e infraestrutura, pesca e agricultura, fundamentais para a subsistência.

Para Joseph Sikulu, diretor da ONG 360.org, a Austrália tem sido “um grande

desafio, com sua insistência em expandir minas de carvão”, uma das maiores causas das mudanças climáticas:

“Se os australianos forem vizinhos de verdade das ilhas do Pacífico, eles vão acabar com sua dependência do carvão e apoiar a recuperação das comunidades impactadas pela crise climática com financiamento adicional”.

Segundo o Ministério das Relações Exteriores da Austrália, o país envia recursos para o desenvolvimento das ilhas-nações do Pacífico Sul há pelo menos 50 anos.

Albanese já anunciou um reforço de 375 milhões de dólares australianos

(R\$ 1,3 bilhão), totalizando assim uma ajuda de mais de R\$ 5 bilhões nos últimos quatro anos.

Mas esse investimento também tem uma razão geopolítica: a China está se aproximando, com a assinatura de acordos de cooperação com países vizinhos, como as Ilhas Salomão.

A possibilidade de os chineses instalarem bases militares tão perto da Austrália alertou o novo governo para a importância da diplomacia e da colaboração com esses países.

Por essa e outras razões, Anthony Albanese anunciou a intenção de organizar a COP31 em conjunto com as ilhas do Pacífico. Se a parceria funcionar, ganha o planeta.

Por **ANDERSON BARANOV**
Vice-presidente sênior de Relações Externas da Hydro na América do Sul



O setor privado tem papel fundamental no processo de descarbonização

Endereçar as questões relacionadas às mudanças climáticas de forma estruturada e com um engajamento sério de todas as partes envolvidas é mais que urgente. O setor privado tem papel fundamental no processo de descarbonização e queremos somar esforços nesta jornada.

Na Hydro, temos metas ambiciosas com foco em três pilares: Clima, Sociedade e Meio Ambiente. Nas questões climáticas, assumimos o compromisso de reduzir nossas emissões de CO2 em 30% até 2030 e de sermos Netzero até 2050.

Nossas operações no Brasil são estratégicas para alcançarmos estes objetivos. Uma das iniciativas prioritárias é a mudança da matriz energética da nossa refi-

naria de alumina, Hydro Alunorte, localizada em Barcarena, no Pará.

A Hydro Alunorte assinou dois contratos de compra de energia solar de dois projetos da Hydro Rein, braço de energia renovável da empresa. E segue investindo na implementação de caldeiras elétricas. A primeira, com tecnologia mais moderna e maior capacidade, está em operação desde março.

Também está em curso um projeto de substituição do óleo combustível por gás natural na refinaria, com investimento de R\$ 1,3 bilhão. A Alunorte, que já é referência em eficiência energética no setor do alumínio, está sendo preparada para a troca do combustível. A previsão de início da operação com esta nova fonte de energia é em 2023.

Firmamos também uma parceria com a Universidade Federal do Pará (UFPA) para avaliar a viabilidade do caroço de açaí como biomassa. O resíduo do açaí, uma possível fonte de energia renovável com ampla oferta no Pará, será misturado ao carvão mineral para uso como combustível nas caldeiras da Alunorte.

A COP27 foi uma oportunidade de reunir líderes mundiais para discutir a proteção do planeta. Seu ambiente de cooperação é propício para compartilhamento de ideias, troca de experiências e discussão sobre como podemos contribuir para um futuro mais sustentável. Para a Hydro esse fórum é fundamental, e participamos desta edição do evento com três executivos representando a empresa.

Marcas devem prestar atenção aos rumos ditados pela COP27, alerta Kantar

Na primeira semana da COP27, a pesquisa PlanetPulse do instituto Kantar ouviu 4,8 mil pessoas em 12 países, incluindo o Brasil, para compreender as expectativas em relação à conferência, às mudanças climáticas e ao papel das empresas.

Naquele momento, dois em cada três dos entrevistados já tinham ouvido falar do encontro, que ainda teria mais 12 dias pela frente.

Para Karine Trinquetel, Líder Global de Sustentabilidade da Kantar, os resultados confirmam que as marcas devem prestar atenção aos rumos ditados pela COP27, não só porque os acordos afetarão políticas nacionais e seus ambientes de negócios:

“É um momento crucial para considerar os impactos nas percepções da opinião pública.



PERFIL LINKEDIN

Líderes corporativos podem transformar o risco de exposição a novas regulamentações na oportunidade de uma década: oferecer às pessoas um caminho para uma vida mais verde”.

A pesquisa mostrou que globalmente, a esmagadora maioria (86%) concorda que há necessidade

de ação urgente. E mais da metade (54%) considera que as empresas estão agindo, em maior ou menor grau, para enfrentar a crise.

Mas Trinquetel alerta:

“Por outro lado, uma parcela de 38% dos respondentes acha, em maior ou menor grau, que as empresas estão piorando a situação, um resultado alarmante”

Embora os governos sejam os mais demandados, 75% dos pesquisados acham que o público tem responsabilidade em colaborar para mitigar a crise.

Enquanto a mídia é vista como responsável por apenas 34%, mais de seis de cada dez dos entrevistados (64%) considera que o peso maior recai sobre as empresas - que podem proporcionar ao público os meios para a adoção de hábitos capazes de proteger o planeta.

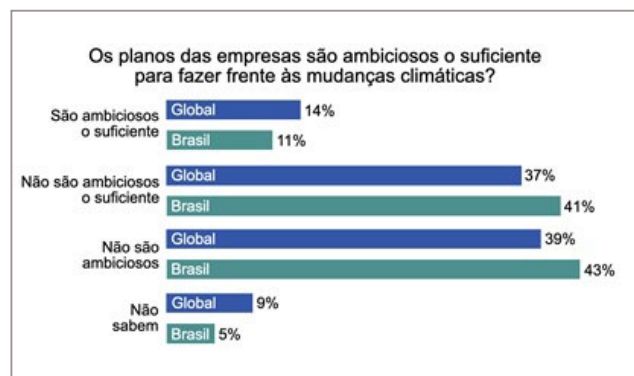
“Isso provavelmente está ligado à convicção de 80% dos entrevistados de que uma ação global e coletiva é essencial. E nesse senso de responsabilidade compartilhada, os entrevistados deixaram claro que as empresas têm um papel a desempenhar”, analisa Trinquetel.

Tomando por base o slogan “Juntos para Implementação” da COP27, que busca incentivar

a transformação da ambição em ação, a Kantar quis saber o que os entrevistados achavam dos planos ambientais corporativos.

Para 76% da amostra global, eles não são ambiciosos ou não têm a ambição à altura do desafio. No Brasil, essa é a opinião de 84% dos pesquisados.

Trinquetel ressalta que embora se observe um número crescente de compromissos das prin-



cipais marcas, a pesquisa revelou a extensão dos anseios do público.

“Há um desejo claro de ver mais liderança e iniciativa do mundo corporativo. Uma nova cultura de consumo está surgindo, e as marcas devem pensar como criam valor.”

Brasileiros otimistas

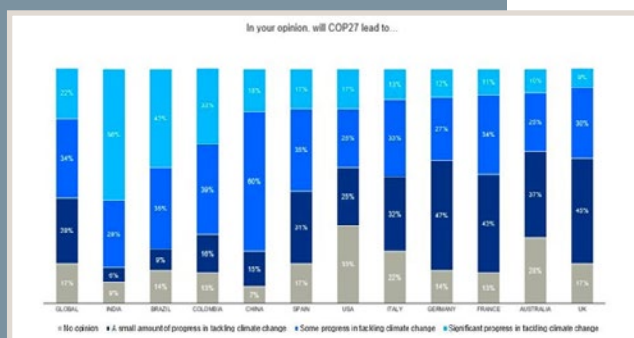
Mesmo antes da presença do presidente eleito Luís Inácio Lula da Silva na COP27, os brasileiros apareceram entre os de maior compreensão do que significa a conferência (44%), quase empatando com o maior índice verificado, de 45%, apresentado pelos indianos e britânicos.

Estavam também entre os mais otimistas. Quase metade dos bra-

sileiros (42%) disseram aguardar avanços significativos.

E quase nove em cada dez (86%) disseram esperar pelo menos um pequeno progresso. Os mais céticos foram os norte-americanos: lá, somente 67% esperam algum progresso.

A esperança brasileira por grandes avanços só não é maior que a dos indianos (56%). Mas é quase o dobro



da média mundial (22%). O país que menos espera progressos significativos é o Reino Unido, justamente o que sediou a última COP, em 2021.

Mudanças climáticas vão provocar mudanças de atitude

Karine Trinquetel, Líder Global de Sustentabilidade da Kantar, afirma que a COP27 deve impulsionar mudanças no cotidiano da população, já que o custo da inação está se tornando mais tangível:

“As mudanças climáticas têm o poder de influenciar cada vez mais as decisões pessoais. Para se manterem relevantes, as empresas devem ficar próximas dos tópicos com os quais as pessoas se preocupam, para ajudar a mitigar os riscos e oferecer soluções para evoluir a maneira como consumimos.”

Quase todos os entrevistados (93%) da pesquisa feita pelo instituto em 12 países afirmaram ter uma visão das consequências da mudança climática.

As principais fontes de preocupação apontadas foram os danos à natureza e à vida

animal, junto com a crise dos recursos naturais e a consequente escassez de alimentos, água e energia. Logo em seguida foram citados os danos causados à saúde humana pela população.

A pesquisa destaca diferenças regionais na percepção das ameaças. Enquanto 43% dos europeus focam na perda de vidas humanas, 56% dos chineses temem doenças infecciosas e 41% dos egípcios se preocupam com a saúde mental.

Dentre os temas centrais da agenda da COP27, 62% das pessoas apontaram como o de maior urgência a ser endereçado por governos e empresas a questão da energia, incluindo o abandono dos combustíveis fósseis, a utilização de fontes renováveis e a transformação energética.

Sustentabilidade na vida e na morte



DIVULGAÇÃO / RECOMPOSE

A tendência constatada pela Kantar está sendo aproveitada por marcas que acordaram para a oportunidade de oferecer opções para uma vida - ou até uma morte - sustentável.

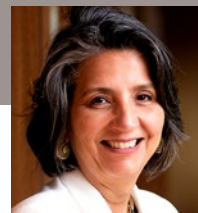
O site Axios apontou a compostagem de restos mortais como “1 big thing now trending”. A líder do setor é a Recompose, de Seattle. O processo de “usar os princípios da natureza para transformar os mortos em solo” custa US\$ 7 mil, incluindo coleta, compostagem e a cerimônia final.

Moda descartável é outra oportunidade. Em Londres, a sofisticada Selfridges e marcas populares como Zara e Uniqlo lançaram serviços de conserto de roupas.

Um conserto simples pode custar mais caro do que uma peça nova na liquidação. Mas quem faz essa opção não está preocupado com economia.

Vale também para consumidores mais exigentes. A rede Shoe Lab recupera de um simples par de tênis a sofisticados sapatos Loubotin.

Por **GRAZIELLE PARENTI**
Head de Business Sustainability da Syngenta
Proteção de Cultivos para a América Latina



A COP27 e os caminhos sustentáveis em direção a uma agricultura verdadeiramente regenerativa e positiva

Não é segredo que as mudanças climáticas representam um dos principais desafios da sociedade contemporânea e, com isso, estão cada vez mais presentes nas agendas de líderes, grupos políticos e econômicos mundo afora. E ter o agronegócio como parte do desenho de soluções para esses desafios é de grande importância

De acordo com a FGV, o setor agropecuário é hoje responsável por 30% das emissões totais de Gases do Efeito Estufa (GEES) no Brasil. É o principal responsável pela emissão de gás metano no Brasil, equivalente a 76,1% das emissões. Como empresas como a Syngenta podem contribuir nesse cenário?

Participando da COP 27, tive a satisfação de compor a sessão de cases de

sucesso no painel ‘Advancing Corporate Decarbonization’. Na ocasião, liderada por entidades como a Superintendência de Meio Ambiente da USP, CETESB e União da Indústria de Cana-de-Açúcar (UNICA), pude apresentar um case com foco em agricultura regenerativa e positiva, além de redução de carbono: Reverte.

Trata-se de um programa que visa recuperar áreas degradadas por meio da aplicação de protocolos agronômicos viabilizados por financiamento de longo prazo, realizado por meio de parceria entre a Syngenta, o Itaú BBA e a The Nature Conservancy (TNC).

Apoiando agricultores do Cerrado brasileiro a trazer pastos degradados de volta ao cultivo, a meta do programa é atuar pela recuperação de 1 milhão de hectares. Des-

de o início de sua implementação, em 2021, já alcançamos 65 mil hectares, e esse número cresce a cada safra.

Sob a perspectiva de quem esteve por lá, é animador ver que empresas e entidades têm se empenhado em conduzir iniciativas capazes de fazer a diferença. Costumo dizer – e aplicar no dia a dia – que uma alternativa muito interessante para a sociedade atual e para tomadores de decisão é o conceito de ‘inovabilidade’, que une nossos esforços em inovação e sustentabilidade, com um potencial enorme de atender aos anseios e demandas do planeta, em especial ligadas às mudanças climáticas. E o Reverte é, com muito orgulho, um exemplo desse conceito aplicado na prática.



Maior financiador de petróleo, gás e carvão, Japão ganhou um dos prêmios “Fóssil do Dia” na COP27

Se o primeiro-ministro Fumio Kishida tivesse participado da COP27, a cobertura da mídia japonesa teria sido mais abrangente e aprofundada. Os chefes de governo do Japão e do Canadá foram os únicos do G-7 que não compareceram.

Kishida chegou a declarar que gostaria de ter ido, mas teve que se concentrar em questões domésticas urgentes, como destacado pelo *Asahi Shimbun*, um dos cinco principais jornais do Japão.

E as preocupações não eram poucas: a contínua desvalorização do iene, a recessão econômica, a inflação em alta e os impactos, especialmente no campo energético, da guerra da Ucrânia.

A agência de notícias *Kyodo News* ressaltou que sete das dez maiores empresas japonesas de energia tiveram um prejuízo conjunto bilionário no primeiro trimestre de 2022 por conta dos desdobramentos internacionais da guerra.

Isso sem contar os mísseis que a Coreia do Norte continua disparando em direção ao Mar do Japão. Tais questões já haviam ocupado a agenda política das eleições em outubro de 2021, deixando a crise climática em segundo plano.

Insatisfação do setor de energia renovável

A opção por uma participação mais acanhada não satisfaz a expectativa das empresas japonesas de energia renovável, que pelos meios de comunicação locais pediam mais envolvimento político do país no evento, por enxergarem a COP como uma oportunidade de negócios.



Japão foi um dos dois países do G-7 cujos chefes de governo não compareceram

Afinal, são corporações que detêm patentes e protagonismo internacional em inúmeras tecnologias de ponta para os setores energético e ambiental, entre elas o controle da poluição e o tratamento de água e esgoto, até a produção de diesel sem enxofre, passando pela reutilização de água da chuva e a geração de energia a partir do lixo.

Alguns dias antes do encontro no Egito, o ministro do Meio-Ambiente,

Akihiro Nishimura, disse a jornalistas que o primeiro-ministro provavelmente compareceria ao evento.

Afinal, Kishida já havia participado de forma assertiva na COP26, anunciando uma ajuda adicional de até US\$ 10 bilhões ao longo de cinco anos para que países em desenvolvimento da Ásia continuem reduzindo as emissões de carbono.

Tais metas, porém, estão cada vez mais difíceis de serem atingidas até pelo próprio Japão, que continua a ocupar a quinta posição entre os países que produzem mais emissões.

Carvão, problema para o Japão

Entre os muitos impactos do conflito na Ucrânia, a mídia internacional vem relatando o crescente apetite mundial por carvão. O Japão, que está entre os maiores importadores mundiais de commodities energéticas, certamente não é exceção a essa tendência.

Em 2021, o aumento mundial da geração de energia a carvão foi de 8,5%, dificultando ainda mais a meta de zerar emissões líquidas até 2050. No caso japonês, as importações de carvão australiano no ano passado aumentaram 15%.

Nessa toada, a companhia JERA, principal geradora de eletricidade do Japão e maior importadora de gás liquefeito no mundo, construiu uma nova termelétrica a carvão.

Não é à toa, portanto, que durante a COP27 a organização não-governamental *Climate Action Network* deu ao Japão um dos prêmios "Fóssil do Dia", como maior financiador público mundial de projetos de petróleo, gás e carvão.

Campanhas da mídia e eventos prévios não convenceram os japoneses

por FLORIANO FILHO, Japão

Os meios de comunicação japoneses até que se esforçaram. As emissoras de TV se uniram em uma campanha de conscientização sobre as mudanças climáticas. E o jornal *Asahi Shimbun* lançou um site especial sobre o tema, com uma série de artigos sobre a meta de limitar o aquecimento global em 1,5°C.

Mas as enquetes durante a COP27 revelaram um alto nível de ceticismo da opinião pública japonesa em relação à cúpula ambiental.

Uma das pesquisas, realizada pelo *Japan Today*, perguntou aos leitores se a COP27 trará algum acordo efetivo para o meio ambiente. As respostas demonstraram um pessimismo generalizado, variando de um simples e seco “não” a alguma esperança, mas sem grandes expectativas.

Alguns leitores japoneses também ressaltaram o paradoxal número recorde de lobistas de empresas de petróleo e gás no evento. É provável que o aumento dessa participação tenha sido estimulado pelo relatório da COP anterior, em Glasgow.

Outros leitores ainda mais céticos com essas cúpulas responderam que elas começam com a “coleta de dinheiro” e terminam com as pessoas “perguntando o que realmente aconteceu”.

Esse desalento contrasta com a cobertura midiática japonesa de eventos ambientais e climáticos do passado.

Estudo mostra evolução da cobertura climática

Um estudo publicado em 2009 pelos pesquisadores Yuki Sampei e Midori Aoyagi-Usui, do Instituto Nacional de Estudos Ambientais, analisou a cobertura dos jornais japoneses sobre o aquecimento global.

A pesquisa avaliou artigos de janeiro de 1998 a julho de 2007 para entender como a opinião pública japonesa foi influenciada pela cobertura jornalística do período.

Foi constatado um aumento significativo de artigos sobre o tema a partir de janeiro de 2007, correlacionado com a crescente preocupação pública.

A relativa queda recente do interesse japonês não significa que o país não tenha se preparado para a cúpula. Pelo contrário.

hidrogênio e amônia, reciclagem de carbono e inovações tecnológicas para mitigação climática. O Centro de Imprensa Internacional do Japão divulgou as conferências para jornalistas estrangeiros sediados no país e no exterior.

Investindo no tradicional *soft power*, o Japão reforçou sua diplomacia ambiental e tecnológica.

O jornal *Yomiuri Shimbun* destacou que o governo japonês ofereceu auxílio para o monitoramento e alerta de eventos climáticos extremos nos

Durante a Semana GX, ONGs como a Fossil Free Japan protestaram contra a política ambiental do Japão



DIVULGAÇÃO / FOSSIL FREE JAPAN

Os seminários realizados durante a COP27 no Pavilhão do Japão só foram possíveis graças à “Semana GX (Green Transformation) de Tóquio”.

Organizada pelo Ministério da Economia, Comércio e Indústria do Japão, ela consistiu em uma intensa agenda de conferências internacionais sobre energia e meio-ambiente realizadas nos meses de setembro e outubro deste ano.

Os debates envolvendo a neutralidade de carbono incluíram temas como

países em desenvolvimento. É o caso da tecnologia baseada em pequenos radares operados por uma empresa japonesa de dados meteorológicos na prefeitura de Chiba, vizinha de Tóquio.

O anúncio pretendia também reforçar a imagem do país junto à comunidade internacional, especialmente após o apelo do Secretário Geral da ONU, António Guterres. Em março deste ano ele havia enfatizado a importância desses sistemas para evitar desastres naturais cada vez mais frequentes no mundo.

Para o especialista em finanças climáticas Ben Broché, o limite de 1,5°C para o aquecimento global é uma meta que vai exigir não apenas investimentos pesados.

Ele explica que para alcançar o objetivo fixado no Acordo de Paris será necessária uma mudança profunda em todo o sistema financeiro global.

Broché tem visto um interesse crescente da mídia em finanças climáticas, mas lamenta que o assunto seja tratado de forma limitada.

“Se vamos respeitar o limite de 1,5°C e preservar a sustentabilidade da economia a longo prazo, as finanças climáticas precisam se tornar o tema predominante em finanças,” defende o especialista.

Broché lidera o Global Innovation Lab for Climate Finance, uma coalizão de mais de 70 instituições públicas e privadas que desenvolve instrumentos financeiros inovadores para investimento no clima.

O Lab já lançou 62 desses instrumentos, que mobilizaram até agora um total de USD 3,3 bilhões, dos quais onze no Brasil.



“
Finanças climáticas ainda são tratadas de forma limitada pela mídia
”

AUMENTO DA COBERTURA

“Seria muito positivo ver um aumento na cobertura do financiamento climático, não apenas como tópico de interesse pontual, mas como uma tese central para o setor financeiro em termos de investimento em um futuro sustentável capaz de assegurar valor e retornos a longo prazo.”

SAIR DO NICHÔ

“A mídia ainda trata as finanças climáticas como um nicho dentro da cobertura do setor financeiro. Isso é lamentável, mas reflete o fato de que o investimento climático ainda representa

uma pequena parcela dos fluxos financeiros globais.”

OPORTUNIDADES

“Os jornalistas devem estar atentos às oportunidades positivas. Por exemplo, o custo de muitas tecnologias necessárias para tornar nossos sistemas energéticos mais sustentáveis caiu exponencialmente nos últimos dez anos, às vezes em até 99%.”

EXPANSÃO

“Estamos vendo o que está acontecendo no espaço do capital de risco e do private equity, com empresas abraçando tecnologias climáticas de forma mais

ampla, seja nos sistemas de energia ou em outros setores.”

INOVAÇÃO

“Em meio aos debates da COP, vemos alguma inovação no setor financeiro e nas empresas. É claro que precisamos andar mais rápido, mas há alguns movimentos positivos que a mídia deveria cobrir, à medida que começamos a descobrir oportunidades junto aos riscos que estamos enfrentando.”

MELHORES FONTES

“São as pessoas que estão na vanguarda, os inovadores, os investidores que já despertaram, e até mesmo

aqueles que estão liderando o investimento público e os diálogos sobre políticas públicas. Eles são capazes de explicar a complexidade das finanças climáticas para qualquer público e dizer o que estão fazendo e sua motivação.”

TESE SIMPLES

“Seguir o dinheiro, seguir a inovação e se aprofundar a partir daí. Não deixe a complexidade deste ecossistema gigantesco que se

tornou o financiamento climático ser uma barreira. Há uma tese simples por trás do todo.”

PRÓXIMOS UNICÓRNIOS

“Houve um aumento de capital de 50 ou 100 vezes em todo o setor em alguns casos nos últimos dois anos. Portanto, se prestarmos atenção aos sinais, podemos supor que os próximos 50 ou 100 unicórnios serão da área de tecnologia e clima, o que nos dá esperança.”



Os jornalistas devem estar atentos às oportunidades positivas



Campanha conjunta no Japão é exemplo de como imprensa pode ajudar

De setembro a novembro de 2022, os meios de comunicação japoneses deixaram de lado a concorrência e se uniram para incentivar a ação ambiental e aumentar a conscientização da população a respeito das mudanças climáticas.

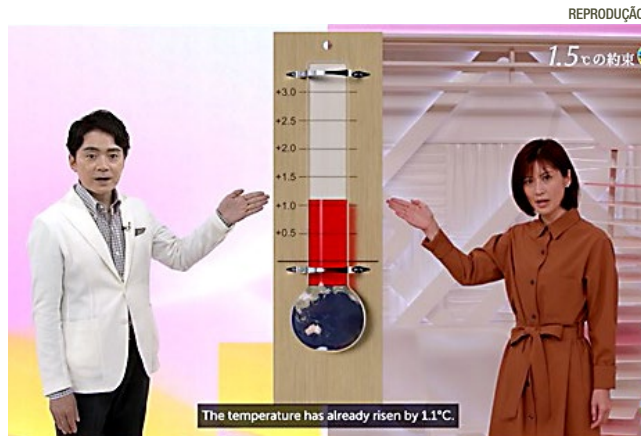
Intitulada “A promessa de 1,5°C: aja agora para parar o aquecimento global”, a campanha foi uma oportunidade para todos os meios de comunicação falarem sobre a emergência climática ao mesmo tempo.

As principais estações de TV japonesas – incluindo a NHK, Fuji TV e a TBS - exibiram programação conjunta sobre o tema, convidando pesquisadores e tomadores de decisão para discutir as causas e os efeitos da mudança climática.

Uma das principais revistas de moda produziu uma edição especial sobre o clima. E um dos principais jornais, o Asahi Shimbun, criou um site especial, com uma série de artigos e entrevistas sobre a meta de limitar o aquecimento global em até 1,5°C.

O repórter Keisuke Katori, do Asahi Shimbun, considera que a iniciativa é um bom exemplo de como a imprensa pode ajudar. Correspondente em Washington, ao longo de sua carreira cobriu várias cúpulas ambientais, incluindo a COP27.

Numa entrevista à Covering Climate Now, ele fala também sobre as dificuldades de fazer o público enten-



ambiental e a contradição entre o compromisso de zerar as emissões líquidas e o aumento do uso de energia do carvão e de combustíveis fósseis:

“Acho importante relacionar as mudanças climáticas à enorme quantidade de gases de efeito estufa que o Japão emitiu, como quinto maior emissor do mundo.



E mostrar como nossas emissões, em parte, estão contribuindo para que esses desastres aconteçam.”

Por outro lado, Katori vê a Copa do Mundo e os esportes como oportunidades para atrair novos públicos.

“Num mundo mais quente, o número de locais para eventos como a Copa diminuirá significativamente, assim como aumentarão os riscos à prática do esporte.”

“Num mundo mais quente, o número de locais para eventos como a Copa diminuirá significativamente, assim como aumentarão os riscos à prática do esporte”.

Outros bons exemplos para conscientizar o público são as pistas de esqui sem neve da última Olimpíada de Inverno ou o fato de que alguns dos estádios de beisebol do Japão estão fadados a afundar no oceano:

“O ponto principal é: não há como escapar dos efeitos da mudança climática. E não há exceção para esportes ou qualquer outro aspecto de nossas vidas.”

der a ligação entre os crescentes desastres naturais e as mudanças climáticas, o conceito de perdas e danos referente à compensação pela perda de vidas e destruição econômica causadas pela crise

DESTINO AO ZERO

RUMO A UM MUNDO MAIS SUSTENTÁVEL



PARA UM MUNDO QUE NÃO PARA




syngenta

O presente nunca nos impôs tantos desafios, como os trazidos pelas mudanças climáticas, que afetam a agricultura. Como superá-los e, ao mesmo tempo, manter a produção sustentável de alimentos em um mundo em expansão? Para a Syngenta, a resposta começa no solo, que é a base de tudo.

Nossas tecnologias contribuem diretamente para que os agricultores cuidem da terra. Desde herbicidas que promovem práticas como o plantio direto, até

programas para a recuperação de áreas degradadas, como o Reverte.

Por meio da ciência e da colaboração, nos mantemos ao lado de nossos clientes, garantindo que tenham acesso a produtos e serviços que somem produtividade, rentabilidade e cuidado com o meio ambiente, viabilizando uma agricultura verdadeiramente positiva.

  SyngentaBrasil

www.syngenta.com.br



'Burning Questions'

A rede de jornalismo ambiental **Covering Climate Now** reuniu jornalistas premiados para construir um panorama sobre as mudanças climáticas no planeta, mostrando a situação em vários países e os bastidores das reportagens. [Assista aqui](#)

Por **SILVIO MUNHOZ**

Diretor-geral das Operações
Comerciais da Scania no Brasil



Scania foi a primeira marca de pesados a ter metas climáticas baseadas na ciência

A sustentabilidade está no centro do negócio da Scania desde 2016, quando anunciamos o propósito de liderar a mudança para um sistema de transporte mais sustentável, e aderimos ao Acordo de Paris. E não paramos mais de centralizar o tema em ações industriais e em soluções para os clientes.

Inspirada na Agenda 2030 da ONU, em 2019, a Scania Latin America se tornou signatária da Rede Brasil do Pacto Global. Em 2020, foi a primeira fabricante de veículos comerciais a ter metas climáticas baseadas na ciência, aprovadas pela Science Based Targets Initiative (SBTi).

Em 2021, aderimos globalmente à iniciativa Climate Pledge, liderada pela Amazon e a Global Optimism, com o compromisso de ser carbono neutro até 2040, 10 anos antes das metas do Acordo de Paris. E somos parceiros da SOS Mata Atlântica.

Longe da Scania ficar só no discurso. Na prática, com base em 2015, foram estabelecidas duas metas até 2025: reduzir em 50% a emissão de gases de efeito estufa das operações industriais e comerciais do grupo, com foco nos Escopos 1 e 2; e reduzir em 20% as emissões de carbono equivalente na frota circulante, com foco no Escopo 3.

Para que isso seja possível, foram estabelecidas seis Metas Ambientais Corporativas. Dentre elas: Energia elétrica livre de fósseis em 100% das operações até 2020 (atingida em 2016), redução de 50% das emissões de CO2 no fluxo logístico terrestre por tonelada transportada e diminuir 75% das emissões de CO2 das operações industriais até 2025.

Entre as iniciativas de 2022, destaco a Estação de Tratamento de Efluentes (ETE), permitindo que quase a totalidade do processo produtivo seja abastecido com água de reuso e o excedente seja cedido à cidade de S. Bernardo do Campo (SP), sede da fábrica.

Em agosto, nos tornamos a primeira montadora a aderir ao Movimento Circular. Dentre as ações estão uniformes descartados que viram matéria-prima para o revestimento de cabinas de caminhões e uniformes transformados em cobertores para pessoas em situação de rua.

Nos veículos, destaque para os caminhões e ônibus movidos a gás natural e/ou biometano, que são a transição até os produtos elétricos. Vendidos desde 2019, já tivemos 700 unidades comercializadas e a meta para 2023 é chegar a 1.200.

O biometano é um combustível 100% sustentável e proveniente de biomassas orgânicas, restos agrícolas e lodo sanitário. Um dos exemplos globais de seu uso é Los Angeles (EUA), que pretende ter 100% dos ônibus públicos a biometano até 2035. Fazemos parte do problema das emissões e queremos, e estamos sendo, parte da solução.

**ESTAMOS, JUNTOS,
TRANSFORMANDO O MUNDO DOS TRANSPORTES.**



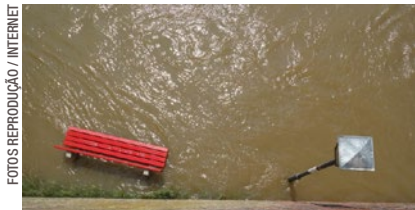
SCANIA.
SUSTENTAR O FUTURO É O NOSSO PROPÓSITO.

SCANIA



MediaTalks faz parte da coalizão **Covering Climate Now**, que reúne quase 500 veículos de mídia comprometidos em ampliar e aprimorar a cobertura sobre mudanças climáticas.

Acompanhe no [site](#) nossas análises e matérias sobre o tema, orientações e insights dos editores da CCNow para profissionais de mídia e conteúdo compartilhado pelos integrantes da rede, como **The Guardian, Columbia Journalism Review, The Nation, Time e Mongabay.**



FOTOS REPRODUÇÃO / INTERNET

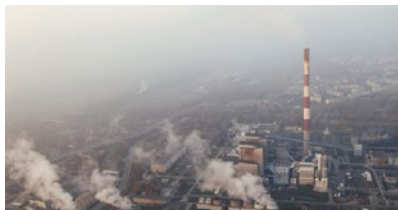
MUDANÇA CLIMÁTICA: JORNALISTA AMERICANO REFLETE SOBRE COMO COBRIR 'UM PRESENTE QUE EM NADA SE PARECE COM O PASSADO' [▶ Leia aqui](#)



BRASIL TEM 2ª MAIOR DELEGAÇÃO NA COP27 E PAÍSES MANDARAM MAIS HOMENS DO QUE MULHERES; VEJA DADOS [▶ Leia aqui](#)



LOBBY DE COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS "EXPLODE" NA COP27 E É MAIOR DO QUE QUALQUER OUTRO GRUPO DE PRESSÃO [▶ Leia aqui](#)



COP27: ONU EXIGE REPRESSÃO À "LAVAGEM VERDE" DE GOVERNOS E EMPRESAS SOBRE COMPROMISSO DE ZERAR EMISSÕES [▶ Leia aqui](#)



A partir de Londres, MediaTalks acompanha acontecimentos e tendências no mundo do jornalismo, da comunicação e das plataformas digitais. [👉 Inscreva-se gratuitamente aqui](#) para receber alertas sobre novos conteúdos, newsletters e edições especiais.

Acompanhe MediaTalks nas redes sociais



PARCEIRO DE CONTEÚDO



São Paulo
Rua Diana 914
05019-000 – Brasil

Londres
2-8 Eton Avenue 30
NW33EJ – Reino Unido

JORNALISTAS&CIA EDITORA
PUBLISHER Eduardo Ribeiro
eduribeiro@jornalistasecia.com

MEDIA TALKS
DIREÇÃO EDITORIAL Luciana Gurgel
lucianagurgel@mediatalks.com.br

▶ **COLABORARAM NESTA EDIÇÃO** Alessandro Soler (Espanha), Cláudia Wallin (Suécia), Deborah Berlinck (França), Fernanda Massarotto (Itália), Floriano Filho (Japão), Liz Lacerda (Austrália), Márcia Carmo (Argentina) e Aldo De Luca (Reino Unido)

▶ **COMERCIAL** Vinícius Ribeiro ▶ **PROJETO GRÁFICO** Luísa Bousada ▶ **DESIGN** [brx estúdio criativo](#)

Direitos autorais reservados – os artigos não podem ser reproduzidos sem autorização prévia



MediaTalks
By J&Cia

COP27

PARTICIPARAM DESTA EDIÇÃO

